

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
Jornalismo

Amanda Martins Araújo

**“ELES QUEREM UM PRETO COM ARMA PRA CIMA NUM CLIPE NA
FAVELA GRITANDO COCAÍNA”:**

Como Baco Exu do Blues usa da arte para falar sobre estereótipos de pessoas
negras no Brasil.

Porto Alegre
2024

Amanda Martins Araújo

**“ELES QUEREM UM PRETO COM ARMA PRA CIMA NUM CLIPE NA
FAVELA GRITANDO COCAÍNA”:**

Como Baco Exu do Blues usa da arte para falar sobre estereótipos de pessoas
negras no Brasil.

Trabalho de Conclusão do Curso de Jornalismo da
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como
requisito parcial para a obtenção do Título
Jornalista

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sandra de Deus

Porto Alegre

2024

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais que sempre acreditaram em mim, desde o início da faculdade. Construir este Trabalho de Conclusão de Curso não foi fácil, levando em consideração a dificuldade que apresentei sendo uma pessoa com Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade. Descobri essa condição em 2019, quando já estava na metade da faculdade, lidando com ela sem saber que ela existia dentro do meu ser, porém, fui coberta de auxílio de pessoas que me ajudaram a lidar com a situação e concluir este trabalho fez com que ficasse coberta de ainda mais amor por elas, e nunca esquecerei ou deixarei de ser gratas por essas pessoas. Este foi um dos motivos pelos quais escolhi este tema, pois gostaria de escolher algo pelo qual seria grata por estudar e, além, disso, entregar um estudo pelo qual faria minha vida acadêmica fazer sentido, pois a arte é um tema que me motiva e que faz com que eu goste tanto de ser uma comunicadora, pois, assim, eu consigo levar a minha escrita a outros patamares e, dessa forma, entender como a arte consegue ser uma das formas de comunicação mais potentes e que fazem o ser humano conseguir conversar sobre assuntos sociais. Dedico este estudo a todas as pessoas que estiveram comigo na faculdade, passaram por situações complicadas, choraram junto comigo e cresceram também, deixando de ser adolescentes para se tornarem grandes adultas. Todas vocês estão neste estudo de alguma forma e amo todas. Principalmente quando estávamos escutando ou comentando sobre o álbum “Bluesmam”.

*Eu amo o céu com a cor mais quente
Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente
Jovem Basquiat, meu mundo é diferente
Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente
Choro sempre que eu lembro da gente
Lágrimas são só gotas, o corpo é enchente
Exagerado, eu tenho pressa do urgente
Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende
Baby, nem todo poeta é sensível
Eu sou o maior inimigo do impossível
Minha paixão é cativo, eu me cativo
O mundo é lento ou eu que sou hiperativo, oh?*

BACO EXU DO BLUES

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar o álbum “Bluesman” de Baco Exu do Blues e a forma como ele usa da arte para falar sobre a saúde mental do homem negro, das suas subjetividades enquanto pessoa, como se enxergam e se colocam no mundo, sobre como se relacionam amorosamente, como se percebem como seres individuais, além de perceber como o racismo os afeta. O rap pode ser considerado uma forma do homem negro entender a sua natureza e a forma como o mundo o enxerga. Baco fala sobre ele, como pertencente desta classe, apresenta as dificuldades psicológicas de um homem preto em suas letras. O álbum faz alusão a como homens pretos se percebem como inferiores na sociedade, principalmente em um Brasil onde a escravidão foi uma realidade até 1988. Em suma, conclui-se que “Bluesman” faz uma importante contribuição para a cultura pop, trazendo o tema racismo com sensibilidade e expondo como ser vulnerável, o que representa a realidade de outros homens negros.

Palavras Chave: Negritude; Homens Negros; Música; Hip Hop; Racismo.

ABSTRACT

The objective of this work is to analyze the album “Bluesman” by Baco Exu do Blues and the way he uses art to talk about the mental health of black men, their subjectivities as a person, how they see themselves and place themselves in the world, about how they relate lovingly, how they perceive themselves as individual beings, in addition to understanding how racism affects them. Rap can be considered a way for black men to understand their nature and the way the world sees them. Baco talks about him, as belonging to this class, presents the psychological difficulties of a black man in his lyrics. The album alludes to how black men perceive themselves as inferior in society, especially in a Brazil where slavery was a reality until 1988. In short, it is concluded that “Bluesman” makes an important contribution to pop culture, bringing the theme “racism” with sensitivity and exposing how to be vulnerable, which represents the reality of other black men.

Keywords: Blackness; Black Men; Music; Hip hop; Racism.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	O BELO E A CONSTRUÇÃO DO PADRÃO DE BELEZA	11
2.1	A autoestima do homem negro subjetividades e saúde mental	15
2.2	A importância e representatividade do hip hop	21
3	REPRESENTAÇÃO DO HOMEM NEGRO NA MÍDIA	24
4	CAMINHOS METODOLÓGICOS	34
4.1	O que significa bluesman?	35
4.1	Trajetória do Baco	39
5	A ARTE COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO	42
5.1	A cada letra, uma manifestação	43
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
6	REFERÊNCIAS	64
	ANEXO	71
	ANEXO 1 - LINK PARA ESCUTAR O ÁLBUM	
	ANEXO 2 - LINK PARA VER VIDEOCLÍPE DO ÁLBUM	

1 INTRODUÇÃO

Este estudo analisa as letras do rapper Baco Exu do Blues para refletir sobre a perspectiva do estereótipo de pessoas negras na sociedade. Como forma de delimitação de tema, o objeto analisado será o álbum Bluesman, de 2018. Como mulher negra, e grande fã do Baco Exu do Blues, me identifico diretamente com o tema, pois o álbum Bluesman permeou a minha construção como pessoa jovem adulta e, também, negra. Suas letras que traspassaram assuntos sobre saúde mental, vivência como pessoa negra e, também, a forma como somos vistos na sociedade me ajudaram a passar por momentos que são conturbados na vida de vários jovens. Além disso, também sou fã de artistas que Baco citou no álbum, como Basquiat, Van Gogh, Kanye West, Jay-Z e Beyoncé, o que deixou a experiência de escutar as músicas ainda mais real pra mim, pois Baco é fã das mesmas coisas e pessoas que eu.

Eu cresci em uma casa em que meus pais sempre prezavam pela arte, principalmente quando se tratava de música. Me ensinaram a gostar de diversos ritmos, do rock de Elvis Presley, Rita Lee, passando por Bossa Nova e chegando a grandes artistas negros, como Michael Jackson, Whitney Houston, Tina Turner e Gilberto Gil, sempre foram presentes nos domingos de manhã em minha casa. Ou seja, eu tive acesso a grandes artistas da música, com personalidades fortes e que questionavam o mundo em que vivemos, mesmo no século passado. Hoje em dia, eu apresento artistas para os meus pais, e esses artistas têm a mesma veia artística dos que eles me apresentaram na infância.

Vários outros artistas me inspiram atualmente, além dos citados acima, como Djonga, Beyoncé, Ludmilla, Rihanna, Emicida, Frank Ocean, Tyler The Creator, dentre outros. Muitos outros estilos musicais, como o Funk e o Trap pra mim são importantes e representam muito do Brasil em que vivemos.

Diante dessas justificativas iniciais definimos alguns objetivos como principais norteadores do trabalho: a) Identificar a forma com que o álbum traz a temática blues e seus quatro sentimentos primários, que são o amor, a perda, a

dor e a conquista; b) Contextualizar o racismo e a forma como pessoas negras são enxergadas nos jornais; c) Entender sobre saúde mental de pessoas negras e como ela impacta na construção das suas sexualidades.

O estado da arte me fez descobrir que já houve um trabalho de conclusão de curso, feito por uma estudante de Publicidade e Propaganda da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação (FABICO), semelhante com o que apresento a seguir. Esta pesquisa me deu um norte para abordar assuntos diferentes do que já havia sido apresentado. No seu trabalho, Karoline Costa da Silva analisou o álbum visual de Luedji Luna “Bom mesmo é estar debaixo d’água”, percebendo o viés da construção da identidade negra positiva das mulheres.

Outra monografia que influencia diretamente no meu estudo fala sobre a marca Laboratório Fantasma, idealizada pelo rapper brasileiro Fióti, e entende a moda como importante instrumento sociológico e de transformação do racismo. O trabalho é intitulado “Preto” tá na moda : reflexões sobre os desfiles da LAB no São Paulo Fashion Week” e foi também foi feito na FABICO no curso de Publicidade e Propaganda.

Esta monografia transcorre pela história do negro no Brasil, para refletir sobre sua corporeidade, sobre os espaços designados para sua manifestação, sobre racismo. Busca descrever a forma como o projeto político-ideológico de construção da nação, marginaliza e exclui o povo preto das relações de poder no país. Tudo isso, para demonstrar e justificar a relevância dos objetos de análise: os desfiles Yasuke e Herança, da Laboratório Fantasma no São Paulo Fashion Week. (Massena, p. 6, 2017)

O tema tem importante contribuição para a comunicação porque devemos entender como os meios de comunicação estão retratando as pessoas negras, em específico quando se trata de estereótipos que temos na sociedade. Além da análise do álbum, este trabalho irá mostrar dados sobre saúde mental de pessoas negras, além de dados concretos sobre a violência que sofrem e de como isso influencia nas suas vidas e na forma enquanto se enxergam como indivíduos na sociedade. O objetivo é mostrar que a realidade não é fácil, porém, a arte pode servir como uma forma de se sentirem melhores e representadas.

De acordo com dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, o Brasil registrou mais de 6.420 mortes por agentes da polícia em 2022, o que equivale a 17 por dia. Os números também mostram que a população mais vitimada é a dos jovens negros. Mais de 83% das pessoas que morreram em intervenções militares eram negras e 45% tinham entre 18 e 24 anos. (UOL, 2023).

Acredito que o seguinte artigo pode mostrar para a sociedade o quanto a música pode ser poderosa e para o mundo em forma de arte como a nossa sociedade funciona e, também, como tocam e emocionam as pessoas de formas que nem imaginavam. Baco foi potente em *Bluesman* ao se mostrar vulnerável, além de fazer muitas pessoas negras enxergarem que seus sentimentos são válidos. A música tem o poder de despertar diferentes emoções no cérebro humano e a neurociência tem uma explicação pra isso:

Diferentes tipos de música despertam diferentes emoções e evocam lembranças, provocando uma série de respostas no corpo humano. Assim, escutar música não é apenas lazer: a música pode ter efeitos terapêuticos e ser parte das estratégias de estímulo de áreas do cérebro que despertam os potenciais de aprendizagem. Em artigo da revista Literartes Mauro Muszkat traz as contribuições da neurologia para o desenvolvimento na educação musical e aborda a relação entre música e desenvolvimento neurológico. Ele mostra que a música atua, inclusive, como fator de melhora em doenças como depressão ou Alzheimer. (Jornal da USP, 2020).

No segundo capítulo, iremos entender melhor sobre a forma que homens negros são retratados pela sociedade, desde que o mundo é mundo. Entender a formação de beleza e de como essa questão foi construída com o decorrer da história do mundo é o nosso ponto de partida. Após, vamos abordar sobre a autoestima da pessoa negra e de como ela foi construída com o tempo.

2 O BELO E A CONSTRUÇÃO DOS PADRÕES DE BELEZA

Desde a Pré-História, o mundo em que vivemos tem um padrão de beleza estruturado. Porém, foi na Grécia Antiga (séculos XIV a IX a.C) que a estética passou a ser um objeto de estudo para a filosofia e as artes. Conforme Ward (2020) foi na mitologia grega que começaram os pensamentos sobre o belo e a estética, pois nessa época imperava o pensamento matemático e geométrico nas esferas sociais.

Aristóteles, pupilo de Platão refuta o pensamento platônico e segundo o professor e pesquisador Clóvis de Barros (2010) em sua aula “A Beleza e a Arte”, para Aristóteles “o mundo é belo quando na sua simples contemplação enseja a quem o contempla um instante de vida que vale por ele mesmo, um instante eudaimônico¹”. O belo para Aristóteles também estaria ligado à natureza, entretanto, diferentemente do pensamento de Platão, a arte, a criação humana, assume protagonismo na concepção do belo uma vez que é o homem que define o que é belo, ou seja, existe um filtro humano tanto do artista quanto do observador. (Ward, 2020, p.2)

Nesta época, os corpos considerados belos e atléticos eram imortalizados em forma de estátua, assim, os vencedores das guerras, os deuses e os atletas eram idolatrados e moldados em bronze e mármore. Segundo Suguihura (2007) esses corpos considerados “perfeitos” simbolizavam o comportamento, a vitória, o sucesso e o reconhecimento do povo naquela época. As estátuas serviam como uma forma de mostrar para a população o que era esperado de todos, sendo assim, pode ser considerado uma das primeiras formas de idolatração e de padronização de um modelo que deveria ser seguido.

Estes corpos capturados na pedra voltam a ser utilizados como modelos em diversos momentos da história. No final do século XIX e início do século XX, período em que a fotografia e o cinema estão em plena expansão, em que a imagem passa, cada vez mais, a fazer parte da vida cotidiana das pessoas na comunicação, no entretenimento, essas estátuas são retomadas fortemente como o ideal de beleza, virtude e sucesso, para definir identidades nacionais. (Suguihura. 2007, p. 198)

A formação do mundo enquanto sociedade fez com que surgisse um conjunto de regras, onde todos deveriam seguir um modelo para poder conviver. Dessa forma, os padrões de beleza foram se moldando aos poucos, tendo a Grécia Antiga como talvez o maior exemplo de influência. A arte usou desse período como inspiração em vários momentos da história, sendo utilizada como um dos maiores meios de comunicação da época. Medeiros (2011) destaca que a arte grega mudou seus traços durante o tempo de acordo com os interesses da população e foi classificada em três períodos: arcaico, clássico e helênico. Em dado momento, o ser humano tomou o lugar dos deuses como centro do universo, e foi aí que se iniciou o

¹ Eudaimônico: Eudaimonia ou eudemonismo é um termo grego que literalmente significa "o estado de ser habitado por um bom daemon, um bom gênio", e, em geral, é traduzido como felicidade ou bem-estar. Acesso em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Eudaimonia>

antropocentrismo que, ao lado do racionalismo e da busca pelas proporções perfeitas, estruturou várias formas estilísticas.

Assim, podemos observar a validação desses elementos estéticos na arte grega que foram pautados sobre regras pré-estabelecidas através de um ideal artístico, que se tornaram fator de forte influência dentro da história da humanidade, através de vários movimentos, como: o Renascimento, o Iluminismo, o Classicismo e o Ecletismo, que tiveram grande preocupação em resgatar e reproduzir os referenciais lançadas pelo povo grego e que, de certa forma, ainda vemos nos dias de hoje, como esse legado artístico grego se mantém influenciando o nosso presente. (Medeiros, 2011, p. 4)

A definição de beleza foi estruturada com o tempo conforme o pensamento das pessoas, se modificando de acordo com as características do período histórico vigente. Segundo Filho (2010) na Grécia imperava os ideais de virilidade, pois apenas os homens portavam o título de cidadãos. Por isso, o padrão de beleza masculino se concentrava em corpos malhados, fortes e esteticamente desenvolvidos, começando a prática de esportes já na adolescência, pois assim estariam preparados desde cedo para lutar em guerras e, também, poderiam fazer trabalhos braçais, como a agricultura, pois residiam em uma região acidentada e possuíam poucos animais para auxiliar.

Podemos ainda acrescentar que esse mesmo ideal de beleza vislumbrado no corpo, estava associado à idéia de perfeição que se voltava para a purificação do espírito, como parte da formação do cidadão; mais do que isso, faz referência a uma máxima a qual atribui aos gregos: “não há educação sem esporte, não há beleza sem esporte; apenas o homem educado fisicamente é verdadeiramente educado e, portanto, belo” (Rubio, 2002, p.131, *apud*, Filho, p.65).

As esculturas de homens gregos são um exemplo de como era retratada essa perfeição e “naquela época os artistas deveriam fazer esculturas masculinas nuas, eretas, em rigorosa posição frontal e com peso do corpo igualmente distribuído entre as duas pernas” (MEDEIROS, 2011, p. 5).

(...) aproximadamente no final do século VIII a.C. os gregos começaram a esculpir em mármore, grandes figuras de homens. Era evidente nessas esculturas a influencia do Egito, não só como fonte inspiradora, mas também da própria técnica de esculpir grandes blocos. Mas, diferente dos egípcios, o escultor grego acreditava que uma estatueta que representasse um homem não deveria ser apenas semelhante a um homem, mas, também um objeto belo em si mesmo. (...) o escultor grego apreciava a simetria natural do corpo humano. Para deixar clara ao observador essa simetria, o artista esculpia figuras masculinas nuas, eretas, em rigorosa posição frontal

e com o peso do corpo igualmente distribuído sobre as duas pernas. (Medeiros, 2011, p. 5, *apud*, Proença, p. 28, 1996)

O corpo e a força estão altamente interligados com o padrão de beleza masculino, pois a utilidade do seu corpo é principalmente relacionada com serviços braçais, assim, as esculturas foram um mecanismo importante na Grécia Antiga para colocar esse pensamento na população, e acabou marcando muitos outros períodos históricos depois dela.

Desde os egípcios, passando pela Grécia antiga, sendo retratado pelos artistas renascentistas nas pinturas de Adão, Apolo, dentre outros e, sendo resgatado no século XX com os homens que participaram dos concursos mister mundo até os metrossexuais com a supervalorização e definição do corpo. Cabe aqui ressaltar que o corpo considerado belo e desenhado por eles é extremamente parecido com o corpo definido de um metrossexual, em que suas costas são largas e a cintura mais fina, mostrando-nos uma aproximação e resgate através dos séculos. (Filho, 2010, p. 75)

Por conseguinte, estudar o passado e como o corpo masculino era enxergado nos séculos anteriores é importante para entender o contexto em que vivemos atualmente. O pensamento da Grécia Antiga foi importante para construir a sociedade humana, por isso, encontramos semelhanças com o padrão de beleza estruturado na época até hoje. Contudo, precisamos analisar o contexto brasileiro.

Quando adentramos o estudo sobre como corpos negros masculinos são enxergados no Brasil, precisamos falar sobre a escravidão. Segundo Pantoja, Rodrigues e Abrantes (2019), esse período foi um fator crucial para determinar como a população negra é vista na sociedade. O racismo é um preconceito importado dos tempos do Brasil Colônia, onde pessoas negras serviam apenas para o serviço braçal e doméstico não remunerado e, ainda, caso desobedecesse seus senhores, eram açoitados, sem distinção de gênero. A noção da raça branca ser superior à negra foi importada dos europeus, pois eles consideravam que os povos descobertos eram inferiores em termos de inteligência e cultura e, por isso, deveriam ser domados. O período de escravidão e as violências contra escravos trazidos da África estão entrelaçadas a construção do Brasil como um país, e marcam a formação da sociedade brasileira. A tentativa fracassada de branqueamento do povo fez com que nos tornássemos uma sociedade miscigenada e de maioria negra,

todavia, o racismo é um problema intrínseco da sociedade e que afeta diariamente a população negra.

A suposta inferioridade dos negros, construída historicamente e com a ajuda da ciência (séc. XIX), justificou a escravização e principalmente a marginalização e exclusão dos mesmos na “nova” estrutura social que se estabelece com a abolição e a instauração da república. Nunca é demais frisar que tal exclusão era explicada pelo pensamento social brasileiro como decorrente da própria constituição da população brasileira e da herança da escravidão. (Nascimento, 2018, p. 172)

Por isso, a construção da autoestima das pessoas negras é complexa, pois há não muito tempo atrás seus ancestrais não eram considerados pessoas dignas de liberdade, respeito ou de um trabalho digno. Silva (2016) fala sobre a literatura brasileira e a importância da tematização da negritude, mostrando a importância de se tratar sobre esses assuntos, se aprofundar sobre ele para que assim o futuro possa ser diferente. A autora ainda traz um conto sobre uma menina que teve seu cabelo alisado pela sua própria mãe, uma mulher branca casada com um homem negro que viu o cabelo como a única parte do corpo de sua filha que poderia ser mudada para que ela se tornasse mais aceita na sociedade.

O efeito psicológico dessa guerra equivale ao de violenta invasão: a menina diz-se “violentada” em suas raízes, e, em consequência, passa a sentir muita dor e fragilidade, ao mesmo tempo em que reforça sua independência e determinação em gostar de si com a aparência que tem, preservando o “cabelo redondinho do jeito que [...] gostava” (Sobral, 2001, p. 14 *apud*, Silva, 2016 p. 92)

O conto mostra como o cabelo de uma pessoa negra pode ser considerado um ponto importante de autoestima e, muitas vezes, é uma das primeiras características a ser modificada para que esta pessoa negra sinta uma ilusão maior de pertencimento na sociedade. Por isso, hoje em dia temos o movimento da transição capilar, do empoderamento através de tranças e dreads, para que a identidade negra seja ressaltada e finalmente identificada como um fator histórico importante. Através do empoderamento pelos cabelos, a autoestima pode ser resgatada, pois as madeixas crespas podem ser vistas como uma forma de representação da marca da negritude nos corpos, a identidade negra é extremamente representada por ele e cuidá-lo pode ser

considerado diretamente uma forma de cuidar de si mesmo, além de cuidar de seus ancestrais e de aumentar a representatividade na comunidade afro. (Gomes, 2019, p. 7)

Cabelos alisados nos anos 60, afros nos anos 70, permanente-afro nos anos 80, relaxamentos e alongamentos nos anos 90, o cabelo do negro atrai a nossa atenção. Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial. (Gomes, 2019, p. 7)

Pensar sobre os cabelos afros é pensar sobre um fragmento da história da negritude. Se observado separadamente pode ser até entendido como desimportante, mas analisando o todo, percebemos que é uma forma de entender como mesmo, após a libertação dos escravos, pessoas negras continuaram sendo podadas durante toda a história. Também é pensar sobre a manifestação da arte, analisando os artistas negros e entendendo como se manifestavam através da forma de se vestir, se pentear, se apresentar para o mundo usando seu estilo.

A ideia de beleza masculina perpassa principalmente pela definição de virilidade. O homem deve ser forte e másculo. Esse conceito teve início na Grécia Antiga, mas podemos perceber até os dias de hoje na sociedade heteronormativa em que vivemos. A seguir, iremos abordar sobre como o homem negro é visto na sociedade e sobre como o racismo provoca uma sensação de inferioridade, o que abala diretamente na sua autoestima.

2.1 A AUTOESTIMA DO HOMEM NEGRO E SOBRE SE SENTIR BONITO

Primeiro, precisamos entender os tempos coloniais, em que o povo negro foi escravizado, pois é importante para podermos analisar o Brasil em que vivemos atualmente. Apenas há pouco mais de um século, os ancestrais trazidos da África ainda viviam sob condições precárias e inumanas de trabalho, ou seja, o país está sob a sombra dessa época e vivendo as consequências. Quando foi decidido retirar os povos africanos dos seus países para trabalhar nas lavouras de cana-de-açúcar, minas, engenhos, dentre outros tipos de lugares, a identidade dessas pessoas foi suprimida. Cada sociedade

colonizada, na qual surge um sentimento de inferioridade devido à supressão de sua singularidade cultural, estabelece uma postura em relação à linguagem da nação colonizadora, ou seja, à cultura metropolitana. (Fanon, 2008, p. 34)

O negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco. Um negro comporta-se diferentemente com o branco e com outro negro. Não há dúvida de que esta cissiparidade é uma consequência direta da aventura colonial... E ninguém pensa em contestar que ela alimenta sua veia principal no coração das diversas teorias que fizeram do negro o meio do caminho no desenvolvimento do macaco até o homem. São evidências objetivas que dão conta da realidade. (Fanon, 2008, p. 33)

A construção do racismo está altamente ligada à escravidão. Homens negros eram considerados apenas objetos, corpos fortes aptos para trabalhos braçais e de extremo esforço físico, foi assim que foram vistos durante décadas, e até hoje em dia a luta para que seja interpretada de outra forma ainda não terminou. A masculinidade é um conceito amplo que perpassa todos os homens desde o seu nascimento. Contudo, o homem negro é marginalizado, hipersexualizado e sofre do racismo que a sociedade põe sobre ele desde o período da escravidão. O tamanho do seu órgão sexual é sempre posto em debate, tendo como pré-conceito que o órgão do homem negro será sempre avantajado. A virilidade está atrelada ao sexo, ao fazer-se ser desejado por diversas mulheres, e isso impacta diretamente a autoestima e saúde mental do homem negro.

Mas acontece que Veneuse é negro. É um urso que ama a solidão. É um pensador. E quando uma mulher quer flertar com ele, escuta: "Você veio atrás de um urso. Cuidado, pequena dama! Admiro sua coragem mas você vai se comprometer se continuar a se exibir dessa maneira... Um preto, ora essa, não vale grande coisa! É degradante ter relações com qualquer indivíduo dessa raça." (Fanon, 2008. p. 71, *apud*, *Ibid.*, pp. 45-46)

De acordo com o autor, Veneuse, personagem do conto *Un homme pareil aux autres* de René Maran (1947), precisa ser convencido de que é um ser humano digno de amor e, por isso, acaba hipersexualizando a si mesmo para conquistar as mulheres, já que o racismo o fez acreditar que precisa fazê-lo. Fanon (2008) faz uma análise dos estudos de Freud sobre o trauma na infância correlacionando com os homens de cor:

É a isso que tendem os jogos nas instituições para crianças, os psicodramas nas terapias coletivas e, de modo mais geral, as revistas ilustradas para os jovens, – cada tipo de sociedade exigindo, naturalmente, uma forma de catarse determinada. As histórias de Tarzan, dos exploradores de doze anos, de Mickey e todos os jornais ilustrados tendem a um verdadeiro desafogo da agressividade coletiva. São jornais escritos pelos brancos, destinados às crianças brancas. Ora, o drama está justamente aí. Nas Antilhas – e podemos pensar que a situação é análoga nas outras colônias– os mesmos periódicos ilustrados são devorados pelos jovens nativos. E o Lobo, o Diabo, o Gênio do Mal, o Mal, o Selvagem, são sempre representados por um preto ou um índio, e como sempre há identificação com o vencedor, o menino preto torna-se explorador, aventureiro, missionário “que corre o risco de ser comido pelos pretos malvados”, tão facilmente quanto o menino branco. (Fanon, 2008, p. 130-131)

Souza (2017) traz em seu texto o fato de que os estudos sobre masculinidades negras são escassos e, também, citou Bell Hooks como uma autora feminista interseccional que cunhou livros que trazem essa temática para entender melhor as questões de gênero dentro da raça.

Bell Hooks é uma das feministas negras interseccionais que mais se debruçou em estudar o homem negro, no livro “Talking Back, Thinking Feminist, Thinking Black”, de 1984, já apontava a pouca produção intelectual do feminismo negro interseccional sobre masculinidades negras. O antropólogo Waldemir Rosa (2006, p.5) corrobora com essa ideia, afirmando que “o conhecimento sobre o homem negro brasileiro ainda é incipiente e novas pesquisas se fazem necessárias para esclarecer o dilema”. Segundo Kimmel e Messner “os mecanismos de diferenciação e de prestígio confere ao grupo hegemônico o benefício da invisibilidade retirando desses a possibilidade de serem identificados em termos de classe, gênero e raça” (Rosa, 2006, p.1), e assim podem continuar exercendo suas prerrogativas e privilégios sem serem percebidos. (Souza, 2017, p. 3)

O autor cita a obra “A Redenção de Cam”, em que uma mulher negra idosa agradece aos céus pelo embranquecimento da sua família, pois sua filha se casou com um homem branco e deu à luz a um bebê de pele branca. Esse é um exemplo de como os homens negros são considerados um impecílio para o embranquecimento da população, pois, no Brasil o racismo se materializou como uma forma de “limpar” o sangue negro fazendo com que as crianças nascessem cada vez mais brancas e, dessa forma, se tornou um país de maioria branca. As interpretações para o efeito da mestiçagem no Brasil são imensas, mas seria entre a união de um homem branco e uma mulher preta que o futuro do Brasil como um país miscigenado com a união das três raças, brancos, indígenas e negros, começaria.

“No plano das representações, a estrutura escolhida para a decantada miscigenação brasileira é composta pelo homem “branco” com sua esposa “branca” e a amante “negra” / “mestiça”... O casal “inter-racial”, composto pelo homem “negro” e a mulher “branca”, ameaça a posição de classe e poder do homem “branco”. Dada a força desse modelo, que como visto, se constitui em um modelo de dominação nacional, acaba por se configurar, reitero, como um “tabu”: “elimina o continuum anteriormente mencionado entre o colonizador “branco” português e seus descendentes brasileiros” (Moutinho, 2003, p. 167, *apud*, Souza, 2017, p. 5)

Figura 1



Fonte: Wikipedia

A análise da música “*Lá vem o negão*”² do grupo Cravo e Canela é usada como objeto de estudo no artigo. Uma das conclusões do autor é sobre a miscigenação e branqueamento da população, porém, dessa vez, trazendo o homem negro como centro da narrativa e mostrando uma preferência por mulheres brancas para se relacionar. A canção pode ser

considerada como uma alegoria para mostrar a solidão da mulher negra e de como o racismo e a necessidade desses homens de reafirmar a sua virilidade².

Esse processo se insere na lógica da “miscigenação branqueadora” para assim adquirir os privilégios e status expressos que simbolicamente a mulher branca pode conceder, nessa acepção a miscigenação se insere em uma hierarquia de gênero e raça, esta nunca é entendida como fusão total dos seus elementos. O que a música aponta são como as representações e os valores sociais influenciam as escolhas afetivas e sexuais, isto é, como os padrões de preferência marital revelam a organização social, econômica e cultural (Scalon, 1992, p.17, *apud*, Souza, 2017, p. 8).

Segundo Rodrigues (2019) os homens negros são orientados ou mesmo forçados a adotar um comportamento distinto em relação aos outros homens (não negros), visando serem "aceitos" ou alinharem-se às dinâmicas e papéis sociais. Isso valida o discurso racista que reforça a superioridade do homem

² Música “Lá Vem o Negão” - Grupo travessos

La vem o negão
Cheio de paixão
Te catá, te catá, te catá
Querendo ganhar todas menininhas
Nem corôa ele perdoa não
Fungou no cangote
da linda morena
Te catá, te catá, te catá
Loirinha com a fungada do negão
É um problema
Loirinha com a fungada do negão
É um problema

Se ninguém soube lhe amar
Pode se preparar chegou a salvação
Só alegria, pode se arrumar
Que chegou o negão
Am
Mas se é compromissada

É melhor não vacilar
Basta um sorriso no olhar
Para o negão te catar

Vem negão, vem depressa
É o mulhero a gritar
Vem negão, a hora é essa
Vamos deitar e rolar
Na praia, na rua, no supermercado
Na feira é a maior curtição
As garotinhas já vem requebrando
Pra ficar com esse negão

branco sobre o homem negro. O Autor traz a novela “Segundo Sol”, que foi exibida em 2018 pela Rede Globo, como um exemplo dessa animalização do homem negro:

A novela “Segundo Sol”, da Rede Globo de Televisão, exibida no horário nobre das 21 horas, antes mesmo de sua estreia já se apresentava em meio a polêmicas sobre a falta de representação racial de negros em sua história que se passa em Salvador, Bahia, região com a maior população negra fora da África (MORENO, 2016), mas com um elenco majoritariamente branco. O folhetim, apesar disso, tem reforçado com imagens e discursos através de dois personagens secundários que vem sendo constantemente objetificados, onde tais personagens negros não tem relacionamentos sexuais e afetivos com mulheres negras, no entanto estão se relacionando e envolvendo principalmente sexualmente com mulheres brancas que expressam seu fetiche por homens negros, principalmente se estes se assumem ou são estereotipados como o “negão”, o que acaba por reforçar o mito e estereótipo do homem negro, sua virilidade e sua “potencialidade” enquanto negão comedor e saciador. (Rodrigues, 2019, p. 12)

Ao final do artigo, o autor mostra a necessidade de transformar a forma como o homem negro é visto na sociedade. É importante entendê-los como seres individuais, com suas personalidade definidas, anseios e, principalmente, entender que o racismo e a hipersexualização ferem diretamente a sua saúde mental e a forma como se veem e se colocam no mundo. A análise realizada, mostra a perspectiva discutida sobre a objetificação do homem negro, retratado como viril, másculo, incessantemente sexual e sempre pronto para satisfazer desejos próprios e alheios, o que enfatiza a importância de desmistificar essa imagem, desfazer imaginário estereotipado e racista que paira sobre sua dignidade. (Rodrigues, 2019, p. 14)

A seguir, vamos entender mais sobre a arte e as diversas formas como ela pode ser usada para manifestar a história do povo preto e de como o hip hop pode ser considerado uma das maiores expressões culturais dentro do gênero

2.2 A IMPORTÂNCIA E REPRESENTATIVIDADE DO HIP HOP

O movimento *hip-hop* começou na década de 1970 nas ruas do Bronx, bairro de Nova York. Esse foi o nome dado para os encontros em que aconteciam manifestações de dança, grafite e música entre pessoas negras e pobres que ocorriam de forma independente. Aos poucos, essas comemorações adquiriam um caráter mais politizado e se entrelaçaram à luta pelos direitos civis dos afro-americanos nos Estados Unidos. Assim, formou-se uma cultura de rua e um movimento e, dessa forma, permitiu que a geração mais jovem do Bronx desenvolvesse formas de identidade diferente daquelas que lhes foram impostas, fazendo com que se aproximasse da sua identidade negra. Já no Brasil, o hip hop surgiu em meio a ditadura militar, época em que a comunicação era escassa e fragmentada, mas a notícia do movimento veio através de notícias por jornais, revistas e indústria fonográfica. E foi assim que surgiram os famosos *bailes black* em 1970 (Neto, 2011, p. 5-6)

Em fins da década de 1980, a equipe de som Zimbabwe, com seu selo Zambeze, organizou um concurso de rap, em que os melhores gravaram o LP "Consciência Black", no qual apareceu a primeira música do grupo de rap Racionais MC's, chamada "Pânico na Zona Sul". Esta música denunciava a atuação de "justiceiros", na morte violenta de jovens da periferia, a mando de comerciantes. Ela foi um marco, pois representou o primeiro rap brasileiro ao estilo gangsta (ROCHA, DOMENICH, CASSEANO, 2001; FELIX, 2005), que deu origem ao que se chama de rap consciente, o estilo que viria a predominar no Brasil, justamente pela influência do grupo Racionais MC's. Tendência que também chegou dos EUA, a partir do que se chamou de "segunda geração" do rap norte-americano (SILVA, 1999). Para Haag (2008), depois do lançamento dos Racionais MC's, apareceu a ideia de um rap mais politizado e da politização do próprio movimento, no Brasil. (Neto, 2011, p. 7)

O autor destaca que os Racionais MC's foram o primeiro grande conjunto de rap politizado do país e, até hoje, é notoriamente um grande nome do gênero e uma grande inspiração para novos nomes da música, além de levar o hip hop para todos os cantos do Brasil. Contudo, para que possamos olhar essa influência de forma macro, precisamos entender a importância do movimento no contexto brasileiro. Tanto o hip-hop quanto o funk desempenham um papel dual ao inserir os jovens em um mundo cada vez mais globalizado, desvinculando-os de seus territórios, enquanto simultaneamente possibilitam que esses jovens forjem "valores, sentidos e identidades" que fortalecem elementos locais, promovendo uma territorialização e fazendo com que essas

expressões culturais facultam aos jovens a criação de novas formas de movimentos sociais (Herschmann, 2005, p. 214, *apud*, Neto, 2011, p. 8).

O Hip Hop pode ser compreendido como movimento social negro devido às suas matrizes africanas, suas temáticas e lutas raciais, seu papel como referencial identitário e na elevação da autoestima de jovens negros e negras da periferia. Contudo, o Hip Hop possui suas especificidades como organização política, cultural e artística, na formação de lideranças e nas formas de lidar com as matrizes sociais, culturais, raciais e as histórias regionais. Honerê, ao ser entrevistado como coordenador nacional de comunicação do MNU e coordenador geral da Posse Hausa, avalia que ambas as frentes de luta são importantes e que há uma simbiose entre elas, mas sempre se refere ao Movimento Negro e ao Hip Hop como distintos. (Bastos, 2020, p. 70)

Bastos (2020) cita a UNEGRO - União de Negros pela igualdade - e o seu medo de o Movimento Hip Hop atrapalhar o Movimento Negro, mas como destaca a seguir:

Com o passar do tempo, quase a totalidade das organizações ligadas ao Movimento Negro passou a ter alguma ligação com o Movimento Hip Hop; e a UNEGRO é hoje parceira da organização nacional Nação Hip Hop Brasil. A publicação Cadernos Negros, da organização Quilombhoje, nascida como fortalecimento do Movimento Negro no final dos anos 1970, tem como autores importantes, principalmente de poesias, os artistas do Movimento Hip Hop. (Bastos, 2020, p. 71)

A união entre o movimento negro e o movimento hip hop foi de extrema importância para que juntos pudessem se fortalecer. Aos poucos, o rap foi ganhando espaço e dando os primeiros passos para ser o que é hoje. “Os narradores (rappers) argumentam, em grande medida, que as letras se baseiam num protesto para melhorias na promoção do conhecimento, por escassez de um senso crítico, nestes processos de revoluções e protestos”. (Silva, 2020, p.51)

O conhecimento adquirido através do rap é uma forma de analisar a questão racial na sua origem - ou problema - pois, dessa forma, os jovens da periferia colocam em suas letras as vivências que possuem e, assim, outros indivíduos podem escutar e se identificar, gerando assim um ecossistema de troca no movimento negro.

Discutir sobre a história e origem do Movimento Hip Hop significa ir além da "realidade mítica" da música que nasceu nos guetos negros dos Estados Unidos. Expresso pelos jovens rappers, serve como veículo de uma consciência política comum, falando em nome de uma geração em voz, periférica, marginalizada, e, além disso,

estigmatizada. Dessa cultura emerge uma consciência social em termos de diversas perspectivas, tais qual gênero, raça/etnia, dentre outros fatores. Envolto no Movimento, define-se um sentimento de pertencimento coletivo em termos de uma espacialidade injusta materializada na periferia urbana; mesmo em diferentes países ou cidades, a cultura Hip Hop consegue redefinir as questões geracionais estabelecendo semelhanças e contrastes em relação ao envolvimento com os grupos, tal como enfrentamento de situações discriminatórias. (Lourenço, 2011, *apud*, Silva, 2020, p. 56)

Dessa forma, o hip hop pode ser caracterizado como um movimento social, pois se opõe à ordem vigente, manifesta protesto contra leis, normas ou situações que perpetuam o racismo (Fochi, 2007, p. 64). O autor ainda fala sobre o conceito de tribos urbanas e de como ele é aplicado nesse caso:

Coutinho afirma que as tribos se apresentam “como formas de socialização e de acesso aos bens de consumo alternativas à perda de expectativas em relação às instituições tradicionais, tais como a escola, as autoridades tradicionais e o mercado de trabalho”. Para ela, pela formação de grupos, os indivíduos compensam a atomização e a desagregação das grandes cidades, negligenciada pelas macropolíticas. Assim, as tribos funcionam como referências simbólicas, suplências aos aparatos políticos e culturais que se tornaram obsoletos (Coutinho, [s.d.], on line, *apud*, Fochi, 2007, p. 66).

A formação de um “bando”, como foi citado no texto, mostra como um grupo social pode se tornar um ecossistema, onde um tipo de vestimenta, gírias, forma de falar e como se portar no mundo podem ser definidas a partir da convivência como sociedade. A busca por provar algo em comum leva as pessoas a se unirem, o caráter contestatório que o hip hop apresenta faz com que se tornem um grupo subversivo e com o objetivo de quebrar o preconceito e racismo. No entanto, o artigo não chega a uma conclusão concisa sobre o hip hop ser um movimento social ou movimento de rua, o que comprova a necessidade de se estudar mais sobre o assunto. Além disso, o autor também destaca a opinião de outros estudiosos, mostrando as diversas opiniões sobre o assunto:

As autoras Rocha, Domeninich e Casseano (2001, p.17) afirmam que “por estar indefinida a questão de o hip hip ser um movimento social ou uma cultura de rua, abre espaço para uso aleatório de ambas as aplicações”. Todavia, as próprias autoras na página seguinte à citada acima, dizem que “esta manifestação cultural tinha um caráter político e objetivo de promover a conscientização coletiva” (2001, p.18), além de sempre ter um caráter contestatório; características que se

enquadram no conceito de movimento social, conforme exposto , anteriormente. (Fochi, 2007, p. 67)

No capítulo 3 iremos entender mais sobre a forma como as pessoas negras, especialmente homens negros são vistas por outras esferas da sociedade, principalmente como são retratadas em matérias jornalísticas. Vamos passar por matérias midiáticas sobre homens pretos que rodaram pelos maiores jornais do Brasil nos últimos anos, além de entender mais sobre o movimento negro no país. Em 2020, o caso do assassinato do George Floyd por um policial nas ruas de Minneapolis em maio, o que acendeu uma onda de manifestações do movimento Black Lives Matter pelo mundo todo e o Brasil esteve presente nessa lista. As manifestações pelo país, no mesmo ano, se intensificaram principalmente depois do caso do João Alberto Silveira Freitas, que foi morto após espancamento no supermercado Carrefour na zona norte de Porto Alegre, no mês de novembro. A forma como esse, e outros casos, foram tratados pela mídia serão analisadas a seguir.

3 A REPRESENTAÇÃO DO HOMEM NEGRO NA MÍDIA

Como já falamos anteriormente, a época da escravidão marcou a história do negro brasileiro e, ainda, definiu a forma como a parcela branca da população enxerga essas pessoas. Menezes (2013) usa o termo “negrotesco”, cunhado por Muniz Sodré, para denominar a forma como a mídia brasileira representa a imagem do povo negro em suas matérias.

Por outro lado, o negro, que já sofria uma marginalização por ter carregado o peso da escravidão, agora lutava por um espaço na sociedade brasileira e afirmações de identidade, enfrentando o racismo e a exclusão social. Reflexo dessa longa história do Brasil, a mídia reproduziu os valores vigentes na sociedade e, apesar das conquistas dos movimentos sociais e do reconhecimento das identidades, culturas e comunidades afro-brasileiras, a mídia ainda corrobora com o racismo, mesmo que indiretamente. É o negro como grotesco, o “negrotesco” de Muniz Sodré. (Menezes, 2013, p. 157-158)

Os meios de comunicação de massa tem o objetivo de levar informação, porém também podemos considerar que possuem o poder de determinar e transformar a opinião de uma população. À vista disso, é interessante para esse trabalho analisar a forma como o jornalismo retrata os homens negros em suas matérias e reportagens, além de como utiliza do seu poder de

disseminar conhecimento para denunciar o racismo que pessoas negras sofrem diariamente. Quando estamos falando sobre tráfico de drogas, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o número de pessoas negras presas por conta do crime é duas vezes maior que o de pessoas brancas, o que prova a importância de analisar porque esse número é tão alarmante.

Sodré (1992) destaca que os mass media têm função altamente estratégica na divulgação de inovações capazes de produzir efeitos de homogeneização, sendo dispositivos de administração da sociedade pela organização tecnoburocrática (Estado e grande empresa). A mídia é um produto simbólico, indutora de hábitos, crenças e modos de percepção, com um projeto implícito de reorganização do espaço/tempo social. A mídia, em especial a televisiva, carrega um poder de telerrealidade [...] (Menezes, 2023, 164)

Figura 2³



Fonte: Jornal Extra

³ Figura 2: “Homens de classe média suspeitos de vender drogas pelo WhatsApp são presos”. Acesso em: <https://extra.globo.com/casos-de-policia/homens-de-classe-media-suspeitos-de-vender-drogas-pelo-whatsapp-sao-presos-25085045.html>

Figura 3⁴

Filho de vereador e campeão de karatê, homem é preso por tráfico de drogas com 720 kg de cocaína

Catarinense é filho de vereador em Penha e escondia as drogas em um apartamento em Balneário Piçarras.

Por Clarissa Batistela e Talita Catie, g1 SC e NSC
22/02/2022 16h51 · Atualizado há um ano

Fonte: G1

Nas duas imagens acima podemos observar a forma como pessoas brancas pegas com porte de uma grande quantidade são tratadas. “Jovem”, “estudante”, dentre outros adjetivos semelhantes são utilizados nas matérias com esse tipo de assunto. Assim, leva-se a pensar que o fato de terem sido encontrados com drogas não fazem com que necessariamente sejam traficantes ou culpados pelo crime.

Entre o individual e o social, essas representações internalizam conteúdos realistas e imaginários relativos à vida cotidiana. A partir das representações, a sociedade midiaticizada interpreta os discursos do senso comum, aliados à força de mercado e assimilado pelo público. Essa forma discursiva não necessariamente comunica, mas reforça a representação. (Menezes, 2013, p. 165)

Figura 4⁵

⁴ Figura 3: “Filho de vereador e campeão de karatê, homem é preso por tráfico de drogas com 720 kg de cocaína”. Acesso em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2022/02/22/empresario-e-campeao-de-karate-em-sc-e-preso-com-carga-de-cocaina.ghtml>

⁵ Figura 4: “Maioria de presos por tráfico de drogas é negra, pobre e sem relação com facções, diz estudo”; Acesso em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2023/08/maioria-de-presos-por-trafico-de-drogas-e-negra-pobre-e-sem-relacao-com-faccoes-diz-estudo.shtml>

CENÁRIO

Maioria de presos por tráfico de drogas é negra, pobre e sem relação com facções

Ainda segundo dados do levantamento do Ipea, há uma incidência maior da repressão às drogas sobre quem tem baixa escolaridade

Fonte: O Tempo

Figura 5⁶

O que acontece

- **Negros são 56% dos presos durante patrulhamento.** Entre os detidos em razão de denúncia anônima, 52% são pessoas negras. Já entre os presos em operações policiais, brancos respondem por 63% do total.

Fonte: UOL

Figura 6⁷

⁶ Figura 5: “Negros são mais presos em patrulhamento; brancos em operações, diz estudo”. Acesso em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2023/11/23/negros-brancos-encarceramento-estudo.htm?cmpid=copiaecola>

⁷ Figura 6: “Negros são mais condenados por tráfico e com menos drogas em São Paulo”. Acesso em: <https://apublica.org/2019/05/negros-sao-mais-condenados-por-trafico-e-com-menos-drogas-em-sao-paulo/>



REPORTAGEM

Negros são mais condenados por tráfico e com menos drogas em São Paulo

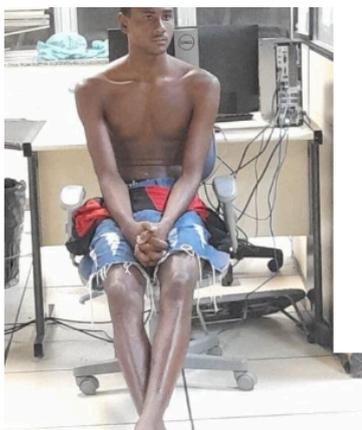
Levantamento inédito analisou 4 mil sentenças de tráfico em 2017; maioria das apreensões é inferior a 100 gramas e 84% dos processos com até 10 gramas tiveram testemunho exclusivo de policiais. STF retoma julgamento da Lei de Drogas em um mês

Fonte: Agência Pública

Na figura 4, vemos que a maioria das pessoas presas por tráfico são negras, além de trazer o fato de que a repressão às drogas é maior para quem tem baixa escolaridade. Já na figura 5, temos dados sobre as detenções de pessoas, sendo 56% dos encarcerados em patrulhamentos são negros e 52% das denúncias anônimas também serem contra pessoas negras. A figura 6 mostra que as pessoas negras condenadas por tráfico foram encontradas com menos quantidade de drogas se formos comparar com pessoas brancas condenadas pelo mesmo crime. Todas essas figuras mostram a inconsistência do tratamento da polícia e da justiça contra pessoas negras, já que além de serem a maioria nas prisões, quando vamos analisar a quantidade de pessoas brancas que são presas em operações policiais, 63% são brancos.

O uso daquilo que chamamos de índice de avaliação no discurso, ou seja, a escolha de adjetivos, de qualificações para se referir a alguém, pode produzir uma avaliação positiva ou negativa. O ato de chamar determinado sujeito de traficante, ou de empresário, e de fazer referência à sua posição social no corpo de um texto, diz mais do que o discurso explicita. Koch (1992, p. 50), em relação ao conteúdo subjetivo que um discurso carrega, diz que ao tratar dos índices de avaliação, temos a “avaliação ou valoração dos fatos, estados ou qualidades atribuídas a um referente”. Logo, o discurso traz um juízo de valor conectado à ideologia do sujeito que produz tal fala. (Osório, 2021, p. 18)

Figura 7⁸



RJ: Jovem negro é preso enquanto comprava pão; delegado reconhece 'dúvida'

Tatiana Campbell
Colaboração para o UOL, no Rio de Janeiro
07/02/2022 19h28

Fonte: UOL

Figura 8⁹

Pedreiro negro preso por ter sobrenome de traficante é solto após 88 dias



Fonte: UOL

Figura 9¹⁰

⁸ Figura 7: RJ: “Jovem negro é preso enquanto comprava pão; delegado reconhece 'dúvida'”. Acesso em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2022/02/07/rj-policia-pede-soltura-de-jovem-acusado-de-traffic-ao-ir-comprar-pao.htm?cmpid=copiaecola>

⁹ Figura 8: “Pedreiro negro preso por ter sobrenome de traficante é solto após 88 dias”. Acesso em <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2021/06/15/justica-liberta-homem-que-ficou-presos-por-88-dias-por-ter-nome-suspeito.htm?cmpid=copiaecola>

¹⁰ Figura 9: “Detido com 23g de maconha, homem negro fica preso 3 anos por tráfico”. Acesso em:

Detido com 23g de maconha, homem negro fica preso 3 anos por tráfico

Assistido pela DPU, homem chegou a ser condenado a oito anos de prisão. Nesta semana, STJ alterou a tipificação de tráfico para posse

Tácio Lorrán

05/05/2022 02:00, atualizado 05/05/2022 13:55

Fonte: Metrôpoles

Noticiar a injustiça policial é o pontapé inicial que o jornalismo pode dar para fazer com que situações como essa se tornem cada vez mais raras. A diferença no tratamento é evidente quando comparamos as figuras 7, 8 e 9 podemos perceber uma semelhança nas histórias, pois todos os jovens foram presos enquanto estavam fazendo suas atividades normais, um comprando pão, outro sendo confundido com comandante do tráfico por ter o mesmo nome e, o último, preso por portar uma quantidade pequena de drogas. Segundo a lei 11.636, de 2006, que retirou a pena para pessoas que carregam drogas apenas para consumo pessoal, não existe uma quantidade máxima que divide uma pessoa entre usuário a traficante, porém, muitas pessoas negras e brancas flagradas com a mesma quantidade recebem tratamentos completamente diferentes.

"A não existência de critérios objetivos para distinguir usuários de traficantes é um dos grandes motivos de termos um Judiciário e uma polícia que prendem pessoas em função de sua cor de pele e de seu endereço ser ou não na favela", aponta Pedro Abramovay, diretor para a América Latina da Open Society Foundation e ex-secretário Nacional da Justiça (Estado de Minas, 2023)

Figura 10¹¹

<https://www.metropoles.com/brasil/justica/detido-com-23g-de-maconha-homem-negro-fica-preso-3-anos-por-trafico>

¹¹ Figura 10: "Jovem de classe média alta presa em 2015 transportando drogas é detida novamente em Vila Velha". Acesso em: <https://www.folhavoria.com.br/policia/noticia/07/2019/jovem-de-classe-media-alta-presa-em-2015-transportando-drogas-e-detida-novamente-em-vila-velha>

Jovem de classe média alta presa em 2015 transportando drogas é detida novamente em Vila Velha

Um das mulheres já havido presa em 2015. Na época, a jovem, com 18 anos, foi detida com uma outra amiga quando voltavam de São Paulo trazendo drogas para Vitória

Fonte: Folha Vitória

Na figura acima podemos observar a forma como pessoas de classe média que também foram presas por tráfico são retratadas na matéria. Primeiro, sua classe social é posta antes do seu crime, e do fato de já ter sido presa anteriormente em uma situação semelhante. Em seu texto, Osório fala sobre a escolha do vocabulário da mídia e de como ele é pensado propositalmente para transmitir uma mensagem, o que implica em uma série de signos e manipula a interpretação do leitor. Ele ainda pondera que, para além de seu significado estrito, as unidades lexicais podem se tornar signos de pertencimento (Osório, 2021, p. 21)

Figura 11¹²

¹² Figura 11: “Venda de drogas pelo WhatsApp: Polícia apreende R\$ 26,8 mil em casa de suspeito de anunciar ‘produto gourmet’ no DF”. Acesso em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2022/04/08/venda-de-drogas-pelo-whatsapp-policia-apreende-r-268-mil-em-casa-de-suspeito-de-anunciar-produto-gourmet-no-df.ghtml>

Venda de drogas pelo WhatsApp: Polícia apreende R\$ 26,8 mil em casa de suspeito de anunciar 'produto gourmet' no DF

Homem, de 25 anos, foi preso em flagrante, em Taguatinga. Quilo de alguns tipos de maconha eram comercializados a quase R\$ 8 mil.

Fonte: G1

Figura 12¹³

Caças da FAB interceptam avião com 500 kg de cocaína entre Matão e Dobrada; piloto fugiu

A aeronave decolou do Paraguai e tinha como destino a região de Araraquara (SP). Piloto pousou em uma pista de terra, próximo à SP-326 e correu para canavial.

Fonte: G1

Para finalizar o capítulo, iremos analisar as figuras 10 e 11, em que podemos entender como o privilégio branco funciona, pois o WhatsApp é um meio de comunicação mundial em que as mensagens ficam armazenadas e poderiam ser melhor monitoradas para se evitar crimes. Já na figura 11, vemos um grande esquema de drogas ser descoberto e, ainda, o piloto conseguiu fugir. A necessidade de determinar leis mais claras para julgar pessoas acusadas de tráfico é iminente, pois, assim, injustiças serão evitadas com mais facilidade e, também, grandes esquemas de tráfico poderiam ser interceptados com mais eficácia.

¹³ Figura 12: “Caças da FAB interceptam avião com 500 kg de cocaína entre Matão e Dobrada; piloto fugiu”. Acesso em: <https://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2023/07/26/cacas-da-fab-interceptam-aviao-carrado-com-cocaina-entre-matao-e-dobrada-piloto-fugiu.ghtml>

É pela mira do fuzil que o Estado brasileiro olha para as favelas e periferias. E, no que se refere à política de drogas, a estratégia prioritária adotada pelos governos é a do confronto e a da guerra. As táticas para combater o mercado ilegal de drogas são bem conhecidas por todos: incursões policiais frequentes, fazendo uso irrestrito de armamento pesado, com o objetivo declarado de dismantelar organizações criminosas e apreender substâncias ilícitas. Colocados na linha de frente, os moradores das periferias ficam expostos à violência cotidiana derivada de operações “antidrogas” e de disputas territoriais pelo controle do mercado ilegal. Nesse contexto, seus direitos mais básicos são sistematicamente violados: aulas são canceladas, trabalhadores ficam com medo de sair de casa, comércios e equipamentos públicos fecham as portas. E, o que é pior: centenas de vidas, a maioria delas de jovens negros, são perdidas. (Telles, Arouca, Santiago, 2018, p. 107)

No texto *Do #vidasnasfavelasimportam ao #nóspornós: a juventude periférica no centro do debate sobre política de drogas*, Telles, Arouca e Santiago (2018), falam sobre como a política das drogas afeta jovens periféricos e negros. Os autores destacam a potência da favela como ecossistema e sobre como sempre estão inovando e criando formas de fazerem com que seus jovens entendam novas possibilidades para as suas vidas e, dessa forma, saindo da mira do tráfico. Usando como justificativa o “combate às drogas”, o Judiciário legitima uma série de violências contra pessoas negras e periféricas, fazendo com que sejam presas injustamente durante anos ou, até, acabam perdendo suas vidas em combates entre a polícia e traficantes.

A guerra às drogas afeta diretamente o cotidiano das favelas e das periferias. Em nome do “combate às drogas”, os governos justificam uma série de violações de direitos contra seus moradores e, especialmente, contra sua juventude. Mas, em meio a um cenário de desigualdades, racismo e violência, as favelas e as periferias seguem inovando e sobrevivendo com muita criatividade e inteligência. Todos os dias, novas ferramentas são criadas e novas soluções são pensadas para dar conta de um contexto de ausência de políticas públicas e de presença ostensiva do braço violento do Estado. (Telles, Arouca, Santiago, 2018, p. 111)

No capítulo 4, iremos adentrar mais a fundo no tema deste trabalho e entender como a análise de conteúdo será feita para sabermos sobre como o estereótipo que a sociedade coloca sob homens negros é manifestado na obra *Bluesman*, de Baco Exu do Blues. Além disso, iremos compreender mais sobre o papel da arte para que homens negros possam manifestar seus sentimentos,

além de como o racismo estrutural corrobora com o adoecimento de sua psique.

4 CAMINHOS METODOLÓGICOS

A fim de analisar o problema da pesquisa “ELES QUEREM UM PRETO COM ARMA PRA CIMA NUM CLIPE NA FAVELA GRITANDO COCAÍNA” - Como Baco Exu do Blues usa da arte para falar sobre estereótipos de pessoas negras no Brasil, assim como abordado no título, este estudo trata da música como uma forma de expressar o racismo e de mostrar o sentimento que pessoas pretas sentem ao sofrerem essa agressão.

Ao escutar o álbum e prestar atenção em suas letras, consegui perceber que ele está dividido em três categorias: a) Amor romântico; b) Racismo; c) Música dentro da música. Isto é, esse trabalho entende que Baco trouxe nas suas músicas a forma como o homem negro encara a paixão, como o racismo é presente no seu dia a dia e de que forma afeta a sua vida e, ainda, explica de que forma o blues é importante para a construção das faixas.

A escolha da análise de conteúdo como método de pesquisa permite entender o impacto desse fenômeno, que é o álbum Bluesman, para a sociedade brasileira.

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações, assim sendo, é destacada neste campo, a importância da semântica para o desenvolvimento do método. Entende-se por semântica aqui, a pesquisa do sentido de um texto. (CAMPOS, 2004, p. 2)

Baco usa das palavras como método para falar sobre a dor de um homem negro com a saúde mental abalada pelo racismo, por isso, a linguagem é considerada um mecanismo poderoso de expressão e luta. Laurence Bardin (2009, pg. 44) assegura que a análise de conteúdo tem como objetivo compreender o que está por trás das palavras e, ainda que a linguística é o estudo da língua, já a análise de conteúdo é uma forma de encontrar outras realidades através da mensagem.

A autora faz uma diferenciação entre semântica, que é o estudo do sentido das unidades linguísticas e funciona com o material principal da análise de conteúdo, que são os significados; sociolinguística que se aproxima da análise de conteúdo e deixa a esfera desconectada da linguística e, também, descreve correspondências entre características praticantes da linguagem e grupos sociais; lexicologia, estudo científico do vocabulário, e a estatística lexical, aplicação dos métodos estatísticos que descrevem o vocabulário, se aproximam da análise de conteúdo por funcionar com unidades de significações simples, a palavra; análise do discurso, tem um objetivo linguístico que formula as regras de encadeamento das frases, quer dizer, ao fim e ao cabo descrever as unidades (as macro-unidades que são os enunciados) e a sua distribuição- é difícil situá-la na contiguidade (e mesmo no lugar) da análise do conteúdo (BARDIN, 2009, p. 44-45). Portanto, chegamos a conclusão de que a análise de conteúdo é a melhor forma de tratar o fenômeno do Bluesman na sociedade.

Ainda segundo Bardin (2009) a análise de conteúdo se separa nas seguintes etapas: a) organização da análise; b) codificação; c) categorização; d) tratamento dos resultados, inferência e a interpretação dos resultados. E a definição a sua definição mais próxima seria:

Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (Bardin, 2016, p. 48).

Dentro das etapas da análise de conteúdo, é importante investigar como o empoderamento de pessoas negras é feito através do álbum. Na frase “Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama” da música de mesmo nome do álbum, “Bluesman”, Baco deixa claro como homens negros no poder é encarado como uma afronta por pessoas brancas, pois mostra que sua hegemonia do poder está chegando ao fim, já que pessoas negras empoderaram e começaram a mostrar que podem sim ocupar grandes cargos, sendo políticos ou não. Já na frase “Te amo aqui, mas te amo em outros lugares” o rapper retrata o amor, sentimento intrínseco ao ser humano, mas

que foi negado por muito tempo para pessoas negras. A letra da música “Flamingos” representa um homem negro que está aprendendo a aceitar o amor, a entender seus sentimentos e demonstrá-lo para a sua amada. Outrossim, ele ainda deixa claro que pode amar por todos os lugares do mundo, ou seja, que pode viajar, conhecer outros países, que é outro exemplo de como pessoas negras podem aumentar o seu poder econômico e realizar sonhos que antes lhe eram negados.

As formulações de Karl Popper (1978) estabelecem uma compreensão sobre o desenvolvimento científico que baliza a discussão epistemológica que faremos, neste capítulo, sobre a AC. No caso, o autor compreende o desenvolvimento científico, inclusive nas Ciências Sociais, a partir de um constante exercício de crítica mútua entre os pesquisadores em relação às suas tentativas de solução para os problemas levantados. A importância para o exercício dessa crítica e, portanto, do estabelecimento da revisão entre pares, como princípio constituidor do trabalho científico, é de tal sorte que o autor defende que “se uma solução proposta não está aberta a uma crítica pertinente, então é excluída como não científica” (Popper, 1978, p. 16, *apud*, Sampaio, 2021, p.29)

Após a apresentação do tema e da sua trajetória até a problematização, fica clara a importância do estudo e da sua contribuição para a sociedade. Como dito no parágrafo anterior, Baco expressa muito sobre a busca da sua saúde mental, além de como o homem negro é visto pela sociedade. O empoderamento de pessoas negras pode ser observado em todo o álbum, pois, ao expressar os seus sentimentos como pessoa negra, Baco acaba se tornando um porta-voz da causa, já que é uma pessoa com visibilidade na mídia. Agora, o questionamento central deste trabalho é: como Baco Exu do Blues traz representatividade negra para seus fãs? E como a forma com a qual ele traz aspectos do dia a dia da sociedade impactam na luta contra o racismo?

Analisar as músicas do álbum Bluesman e a forma como as pessoas negras se sentem ao escutá-lo. Além disso, analisar os aspectos da sociedade que são descritos e como afetam as pessoas negras. A seguir, no subcapítulo 4.2, vamos entender melhor sobre o que significa o álbum.

4.1 O QUE SIGNIFICA BLUESMAN?

Em entrevista para a Revista Vice (2018), Baco categorizou que o blues tem quatro sentimentos primários: o amor, a perda, a dor e a conquista. Com isso, ele já idealizava o seu segundo álbum, Bluesman, antes mesmo de lançar o seu primeiro, Esú, pois para ele, o blues é o “primeiro ritmo a tornar pretos ricos”. Bluesman, é um álbum que fala de blues, mas sem necessariamente usar a sonoridade do gênero musical. Baco internalizou as faixas e artistas que mais gostava, levou esses quatro sentimentos como ponto de partida para que assim pudesse escrever as nove músicas do álbum.

"Eu não podia fazer um álbum chamado Bluesman e deixar os sentimentos de fora", pondera Baco. "E eu digo sentimento de diversas formas: algumas pessoas podem ouvir só como love songs, mas as love songs desse disco têm contextos sociais que são bem brutais. Se você olhar, elas são bem mais sobre a fragilidade do homem negro do que sobre o amor de fato."(Vice, 2018)

A fragilidade do homem negro pode ser apontada como o tema central do álbum, pois está presente em todas as músicas, falando não só sobre o amor, mas também sobre como a sociedade o enxerga, um exemplo é o trecho “Eles querem um preto com arma pra cima/Num clipe na favela gritando: Cocaína/Querem que nossa pele seja a pele do crime/Que Pantera Negra só seja um filme” da música “Bluesman”. Já na matéria do site Omelete (2018), o jornalista Jacídio Júnior fala sobre o Bluesman de uma forma direta e concisa:

Nove faixas, 30 minutos. Esse é o tempo e o percurso que ele precisa para mostrar tudo o que tem para dizer. Uma lufada de ar fresco e música sem rodeios, já que cada faixa bate direto, arrebatada. Nada desse negócio de mil músicas (grande parte desimportante) e muitos minutos só pra construir a sensação de uma playlist. Em Bluesman, desde o contato com a capa do álbum, só rola a mensagem rasgada pros ouvidos e pro coração. (Omelete, 2018)

Baco usa de poucos minutos para mostrar para o mundo o poder que enxergou no blues de mostrar a sensibilidade, fragilidade, sentimentos intrínsecos ao ser humano e que também estão presentes na psique de homens negros. Em outra entrevista, desta vez para o site Hypeless (2018), Baco retrata sobre a luta contra a depressão, fala sobre estar num momento de sucesso e fama, mas mesmo assim não conseguir aproveitar o momento, “eu só queria ficar na minha cama”, diz o rapper. Pesquisadores da Pontifícia

Universidade Católica do Chile mapearam dados sobre depressão e descobriram que o Brasil é o país com maiores índices da doença em toda América Latina. Estima-se que pelo menos 17% dos brasileiros apresentarão depressão ao longo da vida (Estado de Minas, 2023).

Baco também usa da obra de outros grandes artistas para citá-las em suas letras, como Jay-Z, Beyoncé, Kanye West, Basquiat, João Wainer e Van Gogh. A citação de Jay-Z e Beyoncé está presente no trecho “Tá tudo confuso, como meus sonhos eróticos com a Beyoncé / Me desculpa, Jay-Z, queria ser você / Minha vida tá chata, quero enriquecer” da “me desculpa Jay-Z”, que trata sobre a ostentação, a vontade de se tornar um rapper mundialmente famoso como o Jay-Z, além de ter um relacionamento como o dele com a Beyoncé. Sobre o outro rapper, o Kanye West, na música “Kanye West da Bahia”, Baco se compara ao rapper no trecho “Eu sou o preto mais odiado que você vai ver”, e ainda se autointitula como o Kanye West da Bahia, pois Kanye é uma figura polêmica do mundo do rap, já tendo se envolvido em algumas polêmicas, além de ter abertamente problemas com a sua saúde mental. Sobre Basquiat, Baco relata que foi em uma exposição do artista e se admirou com sua obra, com a forma como as pessoas procuram significado nas obras de Basquiat, enquanto o todo é o que importa. Já capa do disco é uma fotografia tirada por João Wainer, e representa um homem negro tocando guitarra no presídio Carandiru e está presente na série de fotografias de Wainer, intitulada Aqui Dentro (2002). Por último, Van Gogh foi inspiração para a “Girassóis de Van Gogh” pois Baco fala sobre o quadro “Os Girassóis”, do artista. Baco fala sobre o quadro representar a vida e a pressa, e a ainda fala:

E quando eu falo de pressa eu penso automaticamente nos girassóis de Van Gogh, que tinham o lance dele pintar tão rápido que conseguia desenhar o girassol perfeitamente antes do girassol manchar. Tem também a questão dele tentar encontrar o amarelo perfeito, e nesse disco eu tenho uma brisa muito grande de tentar encontrar timbres de graves perfeitos, não usar o mesmo grave que todo mundo está usando. (Vice, 2018)

Figura 13 - Fotografia da série “Aqui Dentro” e capa do álbum “Bluesman”



Fonte:Vice

Figura 14 - Quadro "Os Girassóis" de Vicent van Gogh



Imagem: Google

4.2 TRAJETÓRIA DO BACO

Figura 15



Fonte: Vice

Baco Exu do Blues nasceu em Salvador, na Bahia, tem 27 anos e se chama Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo. Ele é considerado um dos grandes nomes do rap nacional e em sua discografia tem quatro álbuns, *Esú*, de 2017, *Bluesman*, de 2018, *Não Tem Bacanal na Quarentena*, de 2020 e *QVVJFA?* de 2022.

“(…) se mudou para Alagoinhas, a 124 quilômetros da capital baiana, ainda na infância. Aos 7 anos, perdeu o pai, que dava aulas de tai chi chuan, e foi morar com a família da mãe em Salvador. Lá, a rebeldia faria com que ele estudasse em dez escolas, repetisse de série algumas vezes e decidisse largar o colégio na 6ª série (atual 7º ano). A decepção com o ensino tradicional, no entanto, não o afastou dos estudos. Encantado por literatura, ele lia desde histórias em quadrinhos até os livros da mãe professora – a lista incluía Jorge Amado e Fiódor Dostoievski. (VEJA, 2019)

O rapper é considerado uma promessa da música nacional, nasceu em Salvador na Bahia, se chama Diogo Álvaro Ferreira Moncorvo e tem 27 anos. Apesar de ainda muito jovem, Baco começou a fazer sucesso quando lançou a faixa Sulicídio em colaboração com o rapper Diomedes Chinaski e, juntos, começaram a criticar o cenário nacional do rap, por dar maior visibilidade para artistas do sudeste do país, principalmente Rio de Janeiro e São Paulo.

Já o álbum, Baco traz uma mescla de formas artísticas para expressar seus ideais, como cultura, pintura, literatura e cinema. Por exemplo, na música Girassóis de Van Gogh ele traz uma pintura clássica de Vincent Van Gogh, considerado um pintor pós-impressionista neerlandês. Baco também fala sobre aspectos da música e da cultura pop em Me Desculpa Jay-Z e Kanye West da Bahia, onde fala sobre dois rapper estadunidenses famosos e sobre sua relevância internacional do mundo do rap como um analogia para a sua vida como um homem negro brasileiro.

Com as suas letras, Baco consegue falar sobre a vulnerabilidade que é ser um homem negro, sobre as dores, questionamentos, aflições e como é ser visto na sociedade. Na música introdutória do álbum, com o nome homônimo Bluesman, ele fala a frase “Eles quem um preto com arma pra cima, num clipe na favela gritando cocaína”, sou seja, aqui ele fala sobre como pessoas pretas são retratadas na mídia, no jornalismo e, também, de como a grande massa espera que pessoas negras sejam mostradas nas manchetes.

Em entrevista para o portal Vice, Baco Exu do Blues nomeou que seu álbum pode ser associado com os quatro sentimentos primários do blues, amor, perda, dor e conquista. Ele fala sobre algumas faixas centrais do álbum e suas maiores influências, um um dos trechos, explicou sobre a referência de Van Gogh:

A "Girassóis de Van Gogh" tem uma ligação muito grande com a vida. Eu faço um comparativo da vida com um relacionamento. Quando eu falo "Te engravido toda noite só pra ver o sol nascer", é como dizer que eu preciso de alguma coisa pra me apegar pra conseguir viver. A vida é muito urgente, tem muita pressa pra acontecer. E quando eu falo de pressa eu penso

automaticamente nos girassóis de Van Gogh, que tinham o lance dele pintar tão rápido que conseguia desenhar o girassol perfeitamente antes do girassol manchar. Tem também a questão dele tentar encontrar o amarelo perfeito, e nesse disco eu tenho uma brisa muito grande de tentar encontrar timbres de graves perfeitos, não usar o mesmo grave que todo mundo está usando. São buscas semelhantes. Além disso, tem o lance do girassol apontar pro sol, e Van Gogh ter pintado as flores sempre de frente pra ele mesmo. É um jeito de se provar como seu próprio criador. (VICE, 2018)

Por outro lado, enquanto Baco fala sobre saúde mental e vulnerabilidade de homens negros, Djonga, na canção Olho de Tigre lançada em 2017, traz a frase que mais tarde seria uma das mais conhecidas do rap nacional “fogo nos racistas”. Os dois rappers falam em suas obras sobre a mesma temática, o racismo, mas com temáticas diferentes. Em Bluesman Baco usa da arte e da poesia para retratar o que tem dentro de si, em Olho de Tigre, Djonga coloca toda a sua raiva em uma música e mostra a fúria de um povo que cresce sem oportunidades. Em diversos momentos Baco foi criticado por ir para um lado mais romântico e criar músicas por um lado contra o que outros rappers estavam produzindo. Enquanto Djonga era aclamado por “tacar fogo nos racistas”, Baco era criticado por ter “amolecido”, segundo palavras de pessoas que consomem rap. Em seu Twitter, Baco desabafou:

"Fiquei puto com o modismo de ódio gratuito ao meu trampo. Sinto que as pessoas estão cegas pela imagem que construíram de mim e que meu trabalho sofre um preconceito de juízes que querem pagar de intelectuais e mal entendem minhas rimas. Tentam me resumir a algo como acontece desde criança: como um homem preto. E o fato de eu não reforçar estereótipos, faz eles quererem me enquadrar em algo já criado", discursou. (IN, Folha de Pernambuco, 2020).

A questão a seguir seria: como Baco Exu do Blues pode ser considerado um personagem importante na construção da autoestima de pessoas negras? Como a forma com que pessoas negras são retratadas na mídia pode alterar a forma como elas mesmas se enxergam? Como o rapper

utilizou de outros artefatos da cultura, da arte e da música para construir um álbum conciso e que passasse a mensagem que ele queria?

5 A ARTE COMO FORMA DE MANIFESTAÇÃO

A arte é uma forma do ser humano mostrar para o mundo aquilo que está na sua mente e, dessa forma, pode servir também como símbolo de manifestação social. Comunicar-se através da música é uma forma inteligente de demarcar o período histórico que estamos vivendo, como foi feito na época da ditadura com as músicas de protesto que muitas vezes acabavam sendo censuradas pelo regime militar.

Em 2013 diversas cidades do Brasil, em especial a cidade do Rio de Janeiro, aparece como palco de transformações políticas e intervenções sociais, em relação a tamanhas insatisfações coletivas quanto, inicialmente, à precariedade dos serviços públicos (saúde, educação, segurança, habitação, saneamento, lazer), em particular, o transporte urbano, onde o anúncio do aumento das tarifas foi o estopim para o início de uma onda de manifestações. Posteriormente a luta dos movimentos sociais, estudantis e populares entendeu-se para o desejo de um novo tipo de democracia com mais transparência e participação popular, além de outras reivindicações, não menos importantes, como os gastos públicos em grandes eventos esportivos internacionais, as remoções, a indignação com a corrupção política e o posicionamento contra a PEC-37, entre outros. (Alves, 2014, p. 1)

Alves (2014) analisou músicas conhecidas da cidade do Rio de Janeiro e de como suas letras retratam a instabilidade social que ocorreu no ano de 2013, como a precariedade dos serviços públicos básicos e do aumento da passagem de ônibus, situações que levaram a população a saírem nas ruas por todo o país. A autora cita o funk e o rap como grandes gêneros musicais presentes nas manifestações, pois sua batida imponente era usada para compor novos cantos de manifestação que foram usados nos protestos.

Verifica-se que os jovens se identificam por um mesmo gênero musical, o que lhes dá e reforça a sensação de pertencermos a um grupo, de possuírem um mesmo conhecimento. Assim, podemos afirmar que a vivência musical faz parte do dia-a-dia do ser humano e são muitos a lutar para o desenvolvimento de trabalhos envolvendo grupos e que a aprendizagem musical abra portas para outras informações. (Silva, 2013, p. 8)

A música é uma forma de unir e sensibilizar pessoas através de letras e faz com que se sintam pertencentes a um grupo, por isso podemos observar como os artistas movimentam uma legião de fãs que tem um gosto em comum - a música. A música é presente em nossas vidas desde sempre, pois nascemos em um mundo repleto de sons. Ao longo da história da humanidade, a música está presente e desempenha um grande papel em celebrações, rituais e protestos, servindo como meio de expressão e comunicação. Diversos grupos já utilizaram e ainda a utilizam de diversas formas, em diferentes culturas, para expressar sua visão de mundo e, também, protestar pelos seus direitos. Em cada época, a música é empregada com propósitos específicos, sejam estéticos, religiosos ou sociais e ela transmite uma série de estímulos para o nosso corpo que impacta nossa vida de forma sensorial, afetiva, mental, social, fisiológica e espiritual. (Silva, 2013, p. 9)

A humanidade sempre procurou adaptar-se à realidade do seu cotidiano. Os PCNs (2001, p. 21) colocam que “Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais.” Inicialmente, isso se deu muito mais por uma necessidade de adaptação, de transformação do meio em favor do homem. Buoro (2000, p. 29) destaca que “[...] no percurso da história não há civilização que não tenha produzido arte.” Desde o período pré-histórico, a arte esteve presente significativamente no cotidiano do homem, conforme Fischer (1987, p.45) “Nos alvares da humanidade a arte pouco tinha a ver com “beleza” e nada tinha a ver com a contemplação estética: era um instrumento mágico, uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência.” Para o homem pré-histórico, era fundamental representar suas crenças, seus anseios, valores, hábitos, costumes, e suas necessidades por meio das representações artísticas. (Biesdorf, Wandscheer, 2011, p. 2)

A seguir, no subcapítulo 5.1, iremos analisar a fundo as faixas do álbum “Bluesman” de Baco Exu do Blues e entender de que forma o rapper usa da arte para contar sobre saúde mental e as dificuldades de ser um homem negro, além de como o racismo afeta a sua psique e a de outras pessoas negras.

5.1 A cada letra, uma manifestação

Assim, selecionamos seis músicas para compor o objeto a ser analisado e entender como Baco Exu do Blues usa da arte para falar sobre o estereótipo que as pessoas negras têm na sociedade brasileira.

<p>MÚSICA 01</p> <p>Bluesman</p>	<p>Oh, yeah Woo! Everything, everything Everything's gonna be alright this morning Oh, yeah Everything's gonna be alright</p> <p>Eu sou o primeiro ritmo a formar pretos ricos O primeiro ritmo que tornou pretos livres Anel no dedo em cada um dos cinco Vento na minha cara, eu me sinto vivo A partir de agora considero tudo blues O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues O funk é blues, o soul é blues, eu sou Exu do Blues Tudo que quando era preto era do demônio E depois virou branco e foi aceito, eu vou chamar de blues É isso, entenda Jesus é blues Falei mermo</p> <p>Eu amo o céu com a cor mais quente Eu tenho a cor do meu povo, a cor da minha gente Jovem Basquiat, meu mundo é diferente Eu sou um dos poucos que não esconde o que sente Choro sempre que eu lembro da gente Lágrimas são só gotas, o corpo é enchente Exagerado, eu tenho pressa do urgente Eu não aceito sua prisão, minha loucura me entende Baby, nem todo poeta é sensível Eu sou o maior inimigo do impossível Minha paixão é cativo, eu me cativo O mundo é lento ou eu que sou hiperativo, oh?</p> <p>Me escuta quem cê acha que é ladrão e</p>
----------------------------------	---

	<p>puta Vai me dizer que isso não, não te lembra Cristo? Me escuta quem cê acha que é ladrão e prostituta Vai me dizer que isso não te lembra Cristo? Vai me dizer que isso não te lembra Cristo?</p> <p>Eles querem um preto com arma pra cima Num clipe na favela gritando: Cocaína Querem que nossa pele seja a pele do crime Que Pantera Negra só seja um filme Eu sou a porra do Mississippi em chama¹⁴ Eles têm medo pra caralho de um próximo Obama Racista filha da puta, aqui ninguém te ama Jerusalém que se foda, eu tô à procura de Wakanda, ah</p> <p>(Everything's gonna be alright this morning)</p> <p>E aê, Diogo!? Poxa, cara Tava aqui vendo aqui os vídeos que sua mãe me mostrou Achei massa, viu? Você com, com Camila Pitanga Você é muito mais bonito do que ela, viu? É, véi</p>
<p>MÚSICA 02 Queima minha pele (feat. Tim Bernardes)</p>	<p>Amor, você é como o Sol Ilumina meu dia, mas queima minha pele Amor, você é como o Sol Ilumina meu dia, mas queima minha pele Queima minha pele (porque) Queima minha pele Queima minha pele (porque) Queima minha pele Queima minha pele (porque) Queima minha pele Queima minha pele Ilumina meu dia, mas Ilumina meu dia, mas queima minha pele Ilumina meu dia, mas queima minha pele</p> <p>Boca aberta e a intenção de um gemido Seu corpo tem linhas que eu queria ter escrito</p>

¹⁴ Mississippi em chamas: Filme norte americano de 1988.

	<p> Queria largar seu corpo, mas ele é tão bonito Morde minha pele pra abafar seu maior grito E eu penso em acordes, em silêncio Pra que você não acorde Nosso amor era tudo, espero que cê se recorde Livrarias, café chiques, tênis caros, vários kits Nossos sonhos, mesmos brindes Mesmas brigas, mesmos brindes Livrarias, café chiques, tênis caros, vários kits Nossos sonhos, mesmos brindes Mesmas brigas, mesmos brindes Eu não sou o homem que você sonhava Garota, eu quero ser o homem que você sonhava Não sou homem com quem você sonhava Mas queria ser o homem com quem você sonhava Eu engoli minha vaidade pra dizer: Volta pra mim Mesmo sabendo que você me faz tão mal Tão mal, tão mal </p> <p> Fotografar o silêncio é tão difícil Fotografar o meu medo é tão difícil Fotografar a insegurança é tão difícil Eu disfarço tudo com cigarro, cerveja e sorriso </p> <p> Fotografar o silêncio é tão difícil Fotografar o meu medo é tão difícil Fotografar a insegurança é tão difícil Eu disfarço tudo com cigarro, cerveja e sorriso </p> <p> Nosso problema sempre foi a intensidade Nosso problema sempre foi a intensidade Nosso problema sempre foi a intensidade Cê sabe que é verdade, intensidade </p> <p> Queima minha pele, queima minha pele Queima minha pele, queima, queima minha pele Ilumina o meu dia mais </p>
--	--

	<p>Não mais Ilumina o meu dia mais Não mais Ilumina o meu dia mais Não mais Ilumina o meu dia mais Não mais</p>
<p>MÚSICA 03 Me desculpa Jay-Z</p>	<p>Me Desculpa Jay-Z (part. 1LUM3) Baco Exu do Blues</p> <p>Eu não gosto de você, não quero mais te ver Por favor, não me ligue mais Eu amo tanto você, sorrio ao te ver Não me esqueça jamais Eu não gosto de você, sorrio ao te ver Não quero não te ver jamais Eu pareço com você, no espelho está você Não me enlouqueça mais</p> <p>Não me ligue, mas a vida tá meio difícil, não sei o que fazer Tá tudo confuso, como meus sonhos eróticos com a Beyoncé Me desculpa, Jay-Z, queria ser você Minha vida tá chata, quero enriquecer Só preciso de um cigarro Eu quero um trago, divórcio e caso até o amanhecer Até o amanhecer Tenho medo de me conhecer Tenho medo de me conhecer Não quero me envolver Não, não quero me envolver E depois enjoar de você (E depois enjoar de você) E depois enjoar de você (E depois enjoar de você)</p> <p>Eu não gosto de você, não quero mais te ver Por favor, não me ligue mais Eu amo tanto você, sorrio ao te ver Não me esqueça jamais Eu não gosto de você, sorrio ao te ver Não quero não te ver jamais Eu pareço com você, no espelho está você Não me enlouqueça mais</p>

	<p>Tô entre tirar sua roupa e tirar minha vida Procuro um motivo pra sair da cama e melhorar meu auto-estima Quero Balenciaga estampada na minha camisa Faculdade ou seguir meu sonho? O que que eu faço da vida?</p> <p>Amo você de verdade Amo você de mentira Amo andar na cidade Linda, eu não tenho saída</p> <p>Amo você de verdade Amo você de mentira Amo andar na cidade Linda, eu não tenho saída</p> <p>Se eu minto para mim, imagina pra você, meu bem (meu bem) Para mim, meu bem (bem) Se eu minto para mim, imagina pra você, meu bem Pra mim também</p>
<p>MÚSICA 04 Minotauro de Borges</p>	<p>Negro correndo da polícia com tênis caro Tipo Usain Bolt de Puma, não paro Correndo mais que os carros Eu não fui feito do barro Pisando no céu enquanto eles se perguntam: Como esse negro não cai? Dizem que o céu é o limite Eles se perguntam: Porque esse negro não cai?</p> <p>Fiz roda punk com os anjos Pintei o Éden de preto Fui ghostwriter de Beethoven Escrevi vários sonetos Cortei minhas asas Vejam minhas cicatrizes Eu vi Deus em depressão O ajudei com suas crises</p> <p>Depois que eu morri com um tiro na cabeça Sempre que um preto faz dinheiro grita: Baco vive, Baco vive Depois que eu morri com um tiro na cabeça</p>

	<p>Sempre que um preto faz dinheiro grita: Baco vive, Baco vive</p> <p>Baco vive Baco vive Baco vive Baco vive</p> <p>Museus estão à procura de mármore negro Pra fazer uma estátua minha Museus estão à procura de mármore negro Pra fazer uma estátua minha Museus estão à procura de mármore negro Pra fazer uma estátua minha Museus estão à procura de mármore negro Pra fazer uma estátua minha 150 por hora, nome gravado na história Imortal na sua memória Rei da poesia de escória Rei da poesia de escória Como Britney em 2007 Meio incompreendido Me matei em gravação Posso fazer isso ao vivo Bebo da depressão Até que isso me transborde Vencer me fez vilão Eu sou Minotauro de Borges Bebo da depressão Até que isso me transborde Vencer me fez vilão Eu sou Minotauro de Borges Bebo da depressão, bebo da depressão, bebo da depressão Vivo a depressão Bebo, sim, sempre, todo dia Tô me acabando por inteiro Você me mata ou eu me mato primeiro Você me mata ou eu me mato primeiro</p>
<p>MÚSICA 05</p> <p>Kanye West da Bahia (part. DKVPZ e Bibi Caetano)</p>	<p>Kanye West da Bahia (part. DKVPZ e Bibi Caetano)</p> <p>Baco Exu do Blues</p> <p>Aah</p> <p>Para no posto pra comprar um Marlboro Olha bem pra minha cara, filho engole o choro Meus ancestrais se banhavam com ouro</p>

	<p>Olhe bem pra minha pele, ela reluz, seu tolo Para no posto pra comprar um Marlboro Olha bem pra minha cara, filho engole o choro Meus ancestrais se banhavam com ouro Olhe bem pra minha pele ela reluz, seu tolo</p> <p>Eu sou o preto mais odiado que você vai ver Eu sou o preto mais odiado que você vai ver Eu sou o preto mais odiado que você vai ver Eu sou o preto mais odiado que você vai ver Eu sou o preto mais odiado que você vai ver Eu sou o preto mais odiado que você vai ver Eu sou o preto mais odiado que você vai ver Aah</p> <p>Eu não abaixo a cabeça, não vou te obedecer Ser preto de estimação não, eu prefiro morrer Sinhozinho eu troco soco nunca fui de correr Feche os olhos eu vi Deus nascer Eu me vi nascer, eu te vi nascer Tão livre que nem a policia pode me prender Suas palavras não vão me ofender Apaga a luz tente me entender Sinta a África pra me entender Transe ao máximo pra me entender Não tema a morte pra me entender Enquanto cê tiver limite, não vai me entender Todo líder negro é morto, cê consegue entender? Tenho recebido cartas falando O próximo é você, o próximo é você, o próximo é você</p> <p>Agora eu te entendo Kanye, agora eu te entendo Kanye Agora eu te entendo Kanye, agora eu te entendo Kanye</p>
--	---

	<p>Ser preto não é só ter pele Coisa que joalheiro entende A minha cultura é minha febre Eu sou a explicação pra quem não sente Ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei, ei</p> <p>Agora eu te entendo, Kanye Te entendo, Kanye Agora eu te entendo, Kanye Te entendo, Kanye</p> <p>Jesus, eu espanquei Jesus Quando vi ele chorando, gritando, falando Que queria ser branco, alisar o cabelo E botar uma lente pra ficar igual A imagem que vocês criaram Jesus, eu espanquei Jesus Quando vi ele chorando, gritando, falando Que queria ser branco, alisar o cabelo E botar uma lente pra ficar igual A imagem que vocês criaram</p> <p>Nos palcos como Michael Jackson Rap game jogamos como Michael Jordan Vocês chamam esses caras de gênio, mas Eles só falam o óbvio Porque os rappers rezam pra eu parar com o rap? Tudo que eu ouço soa igual, eu cansei do rap Morri como rapper em En Tu Mira Voltei como Bluesman E agora eu me sinto bem, bem, bem</p> <p>Porque esses brancos amam chamar a polícia Porque esses negros me olham com tanta</p>
--	--

	<p>malícia Porque aprendemos a odiar os semelhantes Sua inveja não me deixa ser o mesmo de antes Se o sucesso te irrita, sou um cara irritante Não me chame de preto bonito Preto inteligente Preto educado Só de pessoa importante Seu rótulo não toca na minha poesia Eu sou o Kanye West da Bahia Seus rótulos não tocam na minha poesia Eu sou o Kanye West da Bahia Seus rótulos não tocam na minha poesia Não, não, não nunca vão tocar Eu sou o Kanye West da Bahia</p>
<p>MÚSICA 06 Flamingos (part. Tuyo)</p>	<p>Flamingos (part. Tuyo) Baco Exu do Blues</p> <p>Me deixe viver ou viva comigo Me mande embora ou me faça de abrigo California dream com uma dream girl Mas não sou gringo Camisa suada estampada de flamingo</p> <p>Me deixe viver ou viva comigo Me mande embora ou me faça de abrigo California dream com uma dream girl Mas não sou gringo Camisa suada estampada de flamingo</p> <p>Entro em você mais do que já entrei em bares Te amo aqui, mas te amo em outros lugares Louvre em Paris, me embriaguei, alguém me pare Amor, sinta firme, me faz favor, não pare Coração partido, espero que cê repare Meu tênis branquíssimo, espero que cê repare Te procurei em outros corpos Aprendi, pares são pares Te molhei sem querer, achei que era sete mares Cabelo disfarçado e a cara de quem não vale</p>

	<p>Sentimento disfarçado e a cara de quem não vale nada, ah ah Nada, ah ah</p> <p>Ouvindo Exalta na quebrada Gritando: Eu me apaixonei pela pessoa errada Ah ah ah, ah ah ah Ouvindo Exalta na quebrada Gritando: Eu me apaixonei pela pessoa errada Ah ah ah, ah ah ah</p> <p>Me deixe viver ou viva comigo Me mande embora ou me faça de abrigo California dream com uma dream girl Mas não sou gringo Camisa suada estampada de flamingo</p> <p>Me deixe viver ou viva comigo Me mande embora ou me faça de abrigo California dream com uma dream girl Mas não sou gringo Camisa suada estampada de flamingo</p>
<p>MÚSICA 07</p> <p>Girassóis de Van Gogh</p>	<p>Girassóis de Van Gogh Baco Exu do Blues</p> <p>Te engravidado toda noite Só para ver o Sol nascer</p> <p>Te engravidado toda noite Só para ver o Sol nascer</p> <p>Não quero mais dormir do seu lado Prefiro ficar acordado Guardando seu rosto para lembrar de você Lembrar de você, lembrar de você</p> <p>Cê tem uma cara de quem vai foder minha vida O seu olhar é um caminho sem saída O seu corpo é um caminho sem saída Então só entro</p> <p>Cê tem uma cara de quem vai foder minha vida O seu olhar é um caminho sem saída O seu corpo é um caminho sem saída Então só entro</p>

	<p>Na rua, ouvindo A\$AP Rocky Pelados no bairro como se fosse Woodstock Outro bar, outro porre Somos livres, como girassóis de Van Gogh</p> <p>Gira, gira, girassóis de Van Gogh Gira, gira, girassóis de Van Gogh Gira, gira, girassóis de Van Gogh</p> <p>Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh</p> <p>Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh</p> <p>Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh</p> <p>Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh Girassóis de Van Gogh</p>
<p>MÚSICA 08</p> <p>Preto e Prata</p>	<p>Preto e Prata Baco Exu do Blues</p> <p>Facção Carinhosa, ei, ei</p> <p>Nós vive pela prata tatata tatata Nós mata pela prata tatata tatata Protegemos a prata tatata tatata Nós negros somos prata tatata tatata</p> <p>Nós vive pela prata tatata tatata Nós mata pela prata tatata tatata Nós protege a prata tatata tatata Nós negros somos prata tatata tatata</p> <p>Dois quadro samo na parede Bebendo tudo esse preto tem sede</p>

	<p>Linhas caras Rimas De alfaiataria fina Eu só me curvo pra chupar minha mina Autoestima pra cima, meu cabelo pra cima Olha bem pro meu olho e me diz quem domina Eu tô cheio de ódio e você nem imagina Eu tô cheio de ódio e você nem imagina</p> <p>Eles querem que eu mate e morra pelo ouro Querem que eu mate e morra por mulheres brancas Querem que eu mate e morra pelo meu ego Mas, irmão, só mato e morro pela minha banca Eu não acredito no seu Deus branco Eu acredito em Exú do Blues, eu acredito em Baco Querer o ouro só me fez mais fraco O rap game é cocaína branca, vicia e nos mata</p> <p>Virei imortal ao aceitar, minha pele é prata Virei imortal ao aceitar, minha pele e prata</p>
<p>MÚSICA 09 BB King</p>	<p>BB King Baco Exu do Blues</p> <p>Tá-tá-tá, tá-tá-tá Tá-tá-tá Facção carinhosa, ei, ei</p> <p>Mano, eu sou Baco Deus da putaria, da loucura e dos palcos Eu não me governo Sou minha empresa Meu próprio governo Meu amor sou eu mesmo Sorri ao receber flores No meu enterro Eu sou eterno Da geração dos iluminados Dos raivosos incompreendidos Dos que nasceram pra liberdade Se pedir um feat, vai sair fudido</p> <p>Kerouac, eu fiz uma rima pra sua geração</p>

	<p>beat¹⁵ Kerouac, eu fiz uma rima pra sua geração beat</p> <p>Sempre que eu gozo dentro, eu me sinto profano Ela sorri e fala: Baco, eu te amo Se lembre: Você é humano Cê é forte, aguenta o dano Dominar o mundo não é mais só um plano Tudo que a concorrência faz me soa mediano Cês juntam umas palavra e acham que tão rimando Domine o campo igual Cristiano Cê entrou duas vezes pra história em dois anos Só com 22 dois anos? Você rima como se fosse o BB King solando? Autoestima, eu te amo</p> <p>Piva, nessas ruas eu me sinto rei Eu vivi, eu caí, eu me consertei Sou resultado das pessoas que eu amei Eu bebi, eu transei, eu me transformei Três nove na camisa e eu me sinto um rei Três nove, nove na camisa e eu me sinto um rei Três nove na camisa e eu me sinto um rei Três nove, nove na camisa e eu me sinto um rei</p> <p>1903 A primeira vez que um homem branco observou um homem negro Não como um animal agressivo ou força</p>
--	--

¹⁵ Geração Beat: Escola ou movimento literário. Geração Beat ou movimento beat é um termo usado tanto para descrever um grupo de norte-americanos, principalmente escritores e poetas, que vieram a se tornar conhecidos no final da década de 1950 e no começo da década de 1960, quanto ao fenômeno cultural que eles inspiraram (posteriormente chamados ou confundidos aos beatniks, nome este de origem controversa, considerado por muitos um termo pejorativo). Estes artistas levavam vida nômade ou fundavam comunidades. Foram, desta forma, o embrião do movimento hippie, se confundindo com este movimento, posteriormente. Muitos remanescentes hippies se auto-intitulam beatniks e um dos principais porta-vozes pop do movimento hippie, John Lennon, se inspirou na palavra beat para batizar o seu grupo musical, The Beatles. Na verdade, a "Beat generation", tal como os Beatles, o movimento hippie e, antes de todos estes, o Existencialismo, fizeram parte de um movimento maior, hoje chamado de "contracultura". Fonte: Wikipedia

	<p> braçal desprovida de inteligência Desta vez, percebe-se o talento, a criatividade, a música O mundo branco nunca havia sentido algo como o blues Um negro, um violão e um canivete Nasce na luta pela vida, nasce forte, nasce pungente Pela real necessidade de existir O que é ser Bluesman? É ser o inverso do que os outros pensam É ser contracorrente Ser a própria força, a sua própria raiz É saber que nunca fomos uma reprodução automática Da imagem submissa que foi criada por eles Foda-se a imagem que vocês criaram Não sou legível, não sou entendível Sou meu próprio Deus, meu próprio santo, meu próprio poeta Me olhe como uma tela preta, de um único pintor Só eu posso fazer minha arte Só eu posso me descrever Vocês não têm esse direito Não sou obrigado a ser o que vocês esperam Somos muito mais Se você não se enquadra ao que esperam Você é um Bluesman </p>
--	--

Fonte: Site Letras.mus.br

A música “Bluesman” faz de uma forma assertiva a introdução do álbum, pois, com traz o mesmo nome, já começa explicando o que tanto Baco quer explicar com esse termo. Com a junção de “blues” e “man”, ele já começa explicando que usará do ritmo musical tão polular entre pessoas pretas para falar sobre como é ser um homem negro. E, além disso, no inglês, a palavra “blues” também pode ser interpretada como tristeza, o que também explica a intenção de Baco neste álbum, que é falar sobre depressão.

No segundo parágrafo, a música ainda está na sua fase inicial, com uma sonoridade mais lenta e inaugural, falando sobre ritmos considerados periféricos e populares entre as pessoas negras. Dessa forma, ele começa a

falar sobre como “tudo o que era preto era considerado do demônio” como uma forma de invalidar a cultura negra.

Após, a tristeza, o choro, a síndrome do impostor e a vulnerabilidade começam a aparecer na letra, mostrando como pode ser complicado para um homem negro expor os seus sentimentos, citando também Jesus Cristo e de como ele sofreu e foi ridicularizado pelas pessoas da sua época.

A frase “Eles querem um preto com arma pra cima num clipe na favela gritando: Cocaína” está no título deste trabalho e, portanto, a estrofe em que ela está inserida é considerada por mim a mais importante para esta análise. Baco fala sobre como a violência é presente na vida das pessoas pretas, pois serem apontadas como criminosas é uma manobra cruel e proposital do sistema para que sejam cada vez mais invalidadas e, dessa forma, ocupem um papel social cada vez menor. O filme Pantera negra, também citado na música, foi uma obra da cultura pop que ficou muito famosa e levou muitas pessoas negras para o cinema, por isso, Baco cita-o mostrando como a sociedade gostaria de abafar este feito e fazê-lo ser um filme como qualquer outro. Ele também cita o ex presidente norte americano Barack Obama, pois também é uma grande personalidade mundial e único presidente negro dos Estados Unidos. Finalizando a música temos um áudio real enviado para Baco por um dos seus amigos que retrata a sua ascensão social e no mundo artístico.

Em “Queima minha pele” começamos a entrar em sentimentos relacionados ao amor romântico e de como Baco, homem heterossexual, lida quando se relaciona com mulheres. Ele usa a analogia para falar que sua amada é como o sol, pois ilumina a sua pele mas também queima sua pele, o que mostra como relacionamentos podem ser complicados e cheios de sentimentos ambíguos.

Na segunda estrofe podemos perceber que Baco está se referindo a sua amada no passado, ou seja, é um relacionamento que já teve um fim e que ele está tentando superar. A temática sexual é importante e presente não só na música, mas como em todo o álbum, mostrando a necessidade do rapper em falar sobre a sua relação com o sexo e levar em consideração o fato de que é

um homem negro. Como já falado anteriormente neste trabalho, homens negros são altamente estereotipados e é esperado que performem uma grande virilidade quando estão se relacionando sexualmente e, aqui, vemos isso estampado de uma forma nua e crua, podemos observar esses sentimentos vindo do fundo da psique de um homem negro e serem transformados em arte.

Quando Baco fala que consegue disfarçar os seus sentimentos com “cigarro, cerveja e sorriso”, ele está falando sobre como a sua necessidade se reafirmar a virilidade masculina ainda ressurgue, mesmo após momentos tão vulneráveis, como pedir para sua amada voltar para o relacionamento com ele. Além disso, ele fala sobre como o relacionamento foi intenso, deixando a entender que problemas aconteceram pelo fato de ambos sentirem tudo à flor da pele.

Mais uma vez podemos perceber um sentimento de ambiguidade quando Baco fala que não quer mais ver a pessoa, mas depois fala que ama ela e pede para que não o esqueça. Logo, ele começa a pedir para que não o ligue, mostrando que prefere ficar isolado, sem conversar com ninguém. Ele também mostra como está em um momento da vida onde anda pensando demais, com a cabeça longe, tendo sonhos eróticos com cantoras mundialmente famosas e querendo ter a vida do seu marido, um dos maiores rappers do mundo. Nesta música, o eu lírico entra definitivamente no assunto depressão, mostrando como tem medo de si mesmo, de conhecer seus fantasmas e, conseqüentemente, de como tem medo de se envolver amorosamente com outras pessoas e acabar enjoando delas logo em seguida.

Na música “Me desculpa Jay-Z” temos uma melancolia e uma erotização ao mesmo tempo, mostrando como o sexo e o prazer podem ser uma válvula de escape para quando alguém não está se sentindo bem. É o que podemos perceber quando o cantor fala que está “entre tirar minha roupa ou tirar minha vida”, deixando claro seu estado de confusão mental. Em seguida ele fala como está difícil levantar da cama e seguir a vida, outro sintoma característico de pessoas em depressão, logo depois fala sobre como gostaria de obter coisas caras, que também pode ser considerada como uma forma de fugir dos problemas.

Baco ainda deixa claro sobre como não consegue saber o que quer da vida, se ama a pessoa com quem estava se relacionando ou não, se está mentindo para ela ou não, mas fica claro como ele tem essa necessidade de escapismo e de mentir para si mesmo.

“Minotauro de Borges” começa falando sobre um homem negro correndo com um tênis e, ainda, como tem uma resistência a ponto de não cair. Na segunda estrofe, Baco fala de si mesmo como um homem negro que está fazendo dinheiro e acaba não morrendo com um “tiro na cabeça”. A questão psicológica fica clara quando estamos falando quando baco fala sobre “Britney em 2007”, trazendo o exemplo de outra pessoa em estado psicológico degradante:

[A Casa de Asterion, de Jorge Luis Borges] é um conto que recria o conto do Minotauro pela perspectiva do Minotauro. O Minotauro quer morrer porque está num lugar onde ele se vê preso, e ele vê as pessoas que vão matar ele como pessoas que vão libertá-lo. Só que ele é muito forte, então acaba matando as pessoas sem querer – ele está tão ansioso pra morrer que ele não pode esperar a pessoa chegar até ele, então vai de encontro com elas e as mata. Chegou um momento que eu estava me sentindo meio assim, e esse conto fez muito sentido pra mim. No final, o cara que mata o minotauro chega em casa e a mulher dele pergunta "como você conseguiu algo que todo mundo tenta há tanto tempo?", e ele responde "por incrível que pareça, o minotauro nem tentou se defender (Vice, 2018)

Em “Kanye West da Bahia”, Baco mostra uma comparação com outra grande personalidade do rap mundial, Kanye West, que já se envolveu em grandes confusões midiáticas e é abertamente uma pessoa que já passou por problemas de ordem psicológica.

Baco novamente fala sobre seus ancestrais, mostrando como a cultura negra é perpassada de geração para geração e de como é importante para ele. Ainda comparando a si mesmo com West, Baco fala sobre ser “o preto mais odiado que você vai ver” fazendo alusão às críticas que recebe em suas redes sociais sobre seu trabalho e, também, sobre sua própria personalidade.

Na próxima estrofe ele fala sobre como a liberdade é tirada para pessoas negras, sobre como a sociedade as coloca em caixinhas

determinadas e esperam que suas personalidades não extrapolem o esperado. Contudo, Baco expressa a sua autenticidade, sobre como não abaixa a cabeça para ninguém, não deixa que o diminuam e, também, sobre como ocupar o seu lugar no mundo e mostrar a sua autenticidade é também uma forma de lutar contra o racismo. Ele se compara com Kanye West e de como agora consegue entendê-lo, pois Baco sente que o julgamento que os dois sofrem é semelhante.

Novamente, o rapper cita Jesus Cristo e a forma como ele é retratado como uma pessoa branca na religião católica, mesmo que tenha nascido em uma região de etnia negra. O embranquecimento de Jesus é retratado em Bluesman como uma forte forma de apagar a negritude da história do mundo, como se grandes personalidades não pudessem ser pessoas negras, pois, assim, haveria uma representatividade maior e, essas pessoas brancas se sentiriam como se tivessem perdendo seus privilégios e hegemonia no mundo.

Para finalizar, Baco expõe como as pessoas o enxergam no mundo do rap, sobre como sente que não é aceito nem por pessoas brancas nem por pessoas negras. Na estrofe “Porque esses brancos amam chamar a polícia/Porque esses negros me olham com tanta malícia/Porque aprendemos a odiar os semelhantes” essa situação é apresentada, pois uma faceta clara do racismo é fazer com que pessoas negras fiquem umas contra as outras, porque assim pessoas negras podem silenciosamente pegar o mundo inteiro para si.

Apesar de ser uma das músicas mais curtas do álbum, “Flamingos” é uma das músicas mais românticas da discografia de Baco, onde ele está conversando com sua amada, pedindo para que ela decida se quer entrar de cabeça no relacionamento ou não. Todavia, o detalhe que me chama mais atenção, é o fato dele deixar claro seus limites, pedindo para que ou o deixe seguir com sua vida tranquilamente, ou que resolva ficar e viver esse amor de verdade.

Podemos perceber que o rapper acredita ter se apaixonado pela pessoa errada quando cita a música do Grupo Exaltasamba, mostrando que mesmo que, diferente das músicas anteriormente analisadas, ele esteja mais maduro

em relação aos seus sentimentos amorosos, no fundo sabe que talvez esse possível relacionamento não seja o melhor para ele, já que pode-se perceber que sua amada causa-o sentimentos de ansiedade.

Em “Girassóis de Van Gogh” conversa com a música anterior, mostrando que Baco está apaixonado, mas receoso pois percebe que sua parceira pode “fuder sua vida”. Podemos novamente perceber uma analogia ao sol, assim como na canção “Queima Minha Pele”. A analogia de renascimento é perceptível, mostrando que o eu lírico está mais são psicologicamente e conseguindo analisar seus relacionamentos de forma mais eficaz e, ainda, conseguindo se priorizar de alguma forma.

“Preto e Prata” é uma música curta onde Baco fala sobre como a pele da pessoa negra é prata. Nela, ele também fala sobre a relação do ouro com pessoas brancas, pois segundo o rapper “Eles querem que eu mate e morra pelo ouro/Querem que eu mate e morra por mulheres brancas” fazendo alusão à época da escravidão quando os escravizados trabalhavam em minas de ouro, realizando a extração do metal. Já quando se fala sobre mulheres brancas, Baco está mostrando como o embranquecimento da população é feito a partir de relações inter-raciais e de como ele é bem visto pela sociedade para esse propósito. Todavia, o rapper deixa claro que “Só mato e morro pela minha banca”, ou seja, acredita em apenas o que é importante para ele e que enalteça a sua negritude.

“BB King” começa com uma frase característica do Baco, que é “facção carinhosa”. O objetivo do rapper é unir uma palavra considerada violenta, como “facção”, com a sensibilidade de “carinhosa”, mostrando que homens negros podem sim ser carinhosos e ficarem longe de uma organização criminosa, como já falamos anteriormente neste trabalho. Nas próximas estrofes da música, Baco se apresenta para o público se intitulando como “deus da putaria, da loucura e dos palcos”, o que basicamente resume os assuntos tratados no decorrer do álbum.

Em uma estrofe ele cita Jean-Louis Lebris de Kerouac, escritor estadunidense de ascendência franco-canadense e um dos líderes do

movimento literário conhecido como geração beat, mostrando como foi a fundo na pesquisa para o álbum e buscando apoio na obra de outros artistas que o ajudaram a construir a narrativa de “Bluesman”.

Baco ainda fala sobre como o blues fez com que pessoas brancas enxergassem pessoas negras de uma forma diferente, pois estar em cima dos palcos é muito diferente do que em lavouras fazendo trabalhos braçais de forma escravizada. Ele ainda responde a pergunta que permeia o álbum inteiro “o que é ser um Bluesman?”. Segundo Baco é “ser o inverso do que os outros esperam, é ser uma corrente”, ou seja, ser autêntico, independente, não dar bola para o que falam ou pensam de você, entender que cada ser humano é único e merece respeito igualmente, é fazer a sua arte e descrever a si mesmo para o mundo. Ele ainda termina falando que “Se você não se enquadra ao que esperam/ Você é um Bluesman” convidando seu público a se libertar das amarras da sociedade junto com ele.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da pesquisa se busca a análise do título “ELES QUEREM UM PRETO COM ARMA PRA CIMA NUM CLIPE NA FAVELA GRITANDO COCAÍNA” - Como Baco Exu do Blues usa da arte para falar sobre estereótipos de pessoas negras no Brasil” de uma forma concisa, passando pela origem da criação do conceito de beleza, até a análise das faixas do álbum “Bluesman”. Percebemos que o padrão de beleza, construído na época da Grécia Antiga, não inclui pessoas negras e que estabelece uma norma estética bem estruturada de corpos atléticos com músculos bem formados, padrão que podemos observar nas esculturas gregas.

Em contrapartida, pessoas negras foram retiradas das suas terras à força e levadas para outros lugares do mundo como escravas, trabalhando sem remuneração e sofrendo diversos tipos de abusos e violências físicas e psicológicas. Analisar a história da escravidão é importante para entendermos o racismo como é hoje em dia e, ainda, observar como a saúde mental de pessoas negras é abalada diariamente por conta desse passado histórico e as

violências que ainda acontecem no atual presente.

Podemos citar diversos casos que aconteceram no Brasil e no mundo como exemplos deste racismo histórico, como o assassinato de George Floyd em 2020 nos Estados Unidos que mobilizou todo o planeta através de manifestações do movimento Black Lives Matter, mesmo durante a pandemia global da Covid-19, mostrando como a pauta é de extrema importância. Outro caso, que aconteceu na mesma época e no mesmo ano, foi a morte de João Alberto, espancado até a morte no supermercado Carrefour na zona norte de Porto Alegre.

Os últimos anos foram de extrema importância para o avanço das discussões da pauta de combate ao racismo e, o álbum “Bluesman” fez parte dessa mudança e pode ser considerado um marco, pois Baco retratou a autoestima dos homens negros de forma criativa e sensível, fazendo com que outros homens se identificassem e começassem a falar mais sobre sua negritude e saúde mental. A escravidão moldou a forma como as pessoas enxergam os homens negros, como selvagens, brutos e perigosos, e fez até com que fossem hipersexualizados por mulheres brancas que reforçam o estereótipo do “negão” que serve apenas para satisfazê-las sexualmente. Baco quebra esse estereótipo quando fala de forma tão vulnerável sobre seus anseios, problemas e questionamentos, mostrando que homens negros também estão a procura de carinho, amor e compreensão dentro de uma sociedade racista que tem aprisioná-lo de qualquer forma.

7 REFERÊNCIAS

CAVALCANTI, Amanda; Z Aidan, Larissa. **Baco Exu do Blues fala das inspirações que fizeram 'Bluesman'**. 23 de nov. de 2018. Disponível em: <<https://www.vice.com/pt/article/wj3xex/baco-exu-do-blues-fala-das-inspiracoes-que-fizeram-bluesman>>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

Baco Exu do Blues. IN: Folha de Pernambuco. **Rapper Baco Exu do Blues mostra ira em 'Mate todos eles', música bônus do EP 'Não tem bacanal na quarentena.** Disponível em: 10 de abr. de 2020. <<https://www.folhape.com.br/cultura/rapper-baco-exu-do-blues-mostra-ira-em-mate-todos-eles-musica-bonus-do/136808/>>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

DA SILVA, Karoline Costa. **“E eu não sou uma mulher?”: a contribuição narrativa do álbum visual Bom mesmo é estar debaixo d’água, de Luedji Luna, na construção da identidade negra positiva das mulheres.** (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2022.

MASSENA, Flávia Alessandra Godoy. **“Preto” tá na moda : reflexões sobre os desfiles da LAB no São Paulo Fashion Week.** 2017. (Trabalho de conclusão de curso em Publicidade e Propaganda). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2017.

Chacinas: negros são as maiores vítimas da violência policial. Disponível em: 03 de ago. de 2023. <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/redacao/2023/08/03/chacinas-negro-s-sao-as-maiores-vitimas-da-violencia-policial.htm>>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

MUSZKAT, Mauro. **Música pode estimular o desenvolvimento do cérebro à saúde emocional.** Disponível em: 12 de fev. de 2020. <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-biologicas/musica-pode-estimular-do-de-senvolvimento-do-cerebro-a-saude-emocional/#:~:text=Diferentes%20tipos%20de%20m%C3%BAasicas%20despertam,despertam%20os%20potenciais%20de%20aprendizagem.>>. Acesso em: 22 de ago. 2023.

FILHO, Aurivar Fernandes. **Breve histórico da beleza masculina.** Modapalavra e-periódico, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 59–79, 2010. DOI: 10.5965/1982615x03062010059. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/modapalavra/article/view/7941>. Acesso em: 21 jan. 2024.

CORREIA, ÉLDER; ZOBOLI, F.; MEZZAROBA, C. **Os padrões de beleza corporal masculino e as interfaces com a cultura, a ciência e o mercado.** Praxia - Revista on-line de Educação Física da UEG, v. 1, n. 1, p. 21-36, 20 fev. 2013.

WARD, Rodolfo. **Você sabe o que é estética? O Belo, a arte e a antropologia. O início da disciplina estética.** Brasília: HUB Eventos, 2020.

VIEIRA, M. S. **Revisitando Aristóteles: Educação, Eudaimonia, Arte e Política.** Seven Editora, [S. l.], p. 379–394, 2023. Disponível em: <https://sevenpublicacoes.com.br/index.php/editora/article/view/1019>. Acesso em: 21 jan. 2024.

SUGUIHURA, F. M. **Mito e Beleza: a estatuária grega na revista.** Educação Physica. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 18, n. 1, p. 197–211, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643586> Acesso em: 21 jan. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas;** tradução de Renato da Silveira . - Salvador : EDUFBA, 2008.

Rio de Janeiro (Estado). Defensoria Pública. **Direitos humanos, saúde mental e racismo: diálogos à luz do pensamento de Frantz Fanon** / Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro; organizadoras: Patrícia Carlos Magno, Rachel Gouveia Passos. – Rio de Janeiro: Defensoria Pública do Estado do Rio de Janeiro, 2020. – 272 p

NASCIMENTO, M. da C. **A força dos estereótipos: Dificuldades para a expressão de outros modos de existência**. Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as (ABPN), [S. l.], v. 10, n. 24, p. 166–182, 2018. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/579>. Acesso em: 21 jan. 2024.

PANTOJA, D.; RODRIGUES, E.; ABRANTES, D. **O Negro e o racismo no Brasil: Ênfase nas consequências psicológicas**. Revista Arquivos Científicos (IMMES), v. 2, n. 2, p. 16-22, 23 nov. 2019.

SILVA, D. A. **“Para gostar de ser”:** literatura negra, racismo e autoestima. Signo, v. 41, n. Especial, p. 88-94, 16 mar. 2016.

RODRIGUES, Walter Hugo de Souza. **Desmitificando a sensualidade naturalizada do ébano: um estudo acerca da objetificação do corpo do homem negro**. Cad. Gên. Tecnol., Curitiba, v. 13, n. 41, p. 267-284, jan./jun. 2020.

SOUZA, Henrique Restier da Costa. **Lá vem o negão: discursos e estereótipos sexuais sobre os homens negros**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women’s Worlds Congress (Anais Eletrônicos),

Florianópolis, 2017

PATRICIO, Claudio. **A dor invisível: Reflexões sobre o sofrimento do homem negro numa sociedade patriarcal e racista.** SciELO Preprints, 2023. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.7021. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/7021>. Acesso em: 21 jan. 2024.

GOMES, Nilma Lino. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** 2002. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. . Acesso em: 21 jan. 2024.

LOURENCO, Mariane Lemos. **Arte, cultura e política: o Movimento Hip Hop e a constituição dos narradores urbanos.** Psicol. Am. Lat., México , n. 19, 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X201000100014&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 21 jan. 2024.

BASTOS, Pablo Nabarrete. **Contribuições históricas do Movimento Hip Hop para a luta contra o racismo e para a comunicação da juventude negra e periférica.** Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

SILVA, Lorrán Douglas. **A política por trás do som: uma análise do rap como narrativa política do movimento de resistência negro.** Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. v. 16 n. 25 (2020): REVISTA DO INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Hip Hop Brasileiro: Tribo urbana ou Movimento Social?**. FAAP, 2007.

NETO, Nécio Turra. **Movimento hip-hop do mundo ao lugar: difusão e territorialização**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, 2011.

MENEZES, K.; TUZZO, S. A. **Cidadania, racismo e mídia: a identidade do negro**. Comunicação & Informação, Goiânia, Goiás, v. 16, n. 1, p. 156–170, 2013. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/26655>. Acesso em: 21 jan. 2024.

ROSA, Isabel Cristina Clavelin. **A dinâmica das notícias sobre a temática racial negra no jornal Folha de S. Paulo**. Unisinos, Brasília, 2013.

OSÓRIO, Marcos Vinícius Da Silva. **RACISMO E MÍDIA: “PESOS IGUAIS E MEDIDAS DIFERENTES”**: Análise de notícias dos portais G1 e R7 sobre a abordagem jornalística de acordo com a cor da pele e a condição social. (Trabalho de Conclusão de Curso). Centro Universitário Una, Belo Horizonte, 2021.

FERNANDES, Fernanda França. **Homicídios de pessoas negras no jornalismo digital: um estudo de caso** /Fernanda França Fernandes. -- 2022.

DE OLIVEIRA, Daniele. **A representação do crime de racismo no discurso do jornal baiano Correio**. Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018

DAMASCENO, Adriana; PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **O racismo e suas implicações na imprensa brasileira: Aspectos teóricos**. Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2021.

TELLES, Ana Clara; AROUCA, Luna; SANTIAGO, Raul. **Do #VidasNasFavelasImportam ao #NósPorNós: a juventude periférica no centro do debate sobre política de drogas**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: edições 70, 2009.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde**. Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4

SAMPAIO, Rafael Cardoso. **Análise de conteúdo categorial: manual de aplicação** / Rafael Cardoso Sampaio, Diógenes Lycarião. -- Brasília: Enap, 2021. 155 p. : il. -- (Coleção Metodologias de Pesquisa)

Brasil apresenta os piores índices de depressão da América Latina. IN: Estado de Minas. Disponível em: 04 de out. de 2023. <https://www.em.com.br/app/noticia/saude-e-bem-viver/2023/10/04/interna_bem_viver,1571472/brasil-apresenta-os-piores-indices-de-depressao-da-america-latina.shtml >. Acesso em: 21 de jan. de 2024.

PAIVA, Vitor. **Baco Exu do Blues se abre sobre a depressão: 'Você aprende a conviver com ela'**. IN: Hypheness. Disponível em: 14 de dez. de 2018.

<https://www.hypeness.com.br/2018/12/baco-exu-do-blues-se-abre-sobre-a-de-pressao-voce-aprende-a-conviver-com-ela/> > Acesso em: 21 de jan. de 2024.

DOMINGUES, Ruth Maciel; PITELLA, Ms Roberto. **Arte como Movimento Social**. In: PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência de Educação. O professor PDE e os desafios da escola pública paranaense, 2012. Curitiba: SEED/PR., 2014. V.1. (Cadernos PDE). Disponível em: <www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=20>. Acesso em DD/MM/AA. ISBN 978-85-8015-063-6.

DAS NEVES, Marcelo Saldanha. **Os usos sociais da música: Uma reflexão sobre os desdobramentos da música de protesto, a luta por participação social e liberdade individual**. Colloquium Humanarum, vol. 13, n. Especial, Jul–Dez, 2016, p. 650-655.

ALVES, Camila Gomes. **Manifestações musicais: Uma análise dos movimentos sociais na cidade do Rio de Janeiro, a partir da música popular brasileira**. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

ANEXO 1 - LINK ÁLBUM “BLUESMAN” COMPLETO

https://www.youtube.com/watch?v=j7oaDeH_Ig0&list=OLAK5uy_kZaCmHvjwKtsp9o6T_xvTI4yncQ6zCCtc&index=2

ANEXO 2 - LINK FILME DO ÁLBUM

https://www.youtube.com/watch?v=j7oaDeH_lg0&list=OLAK5uy_kZaCmHvjwKtsp9o6T_xvTI4yncQ6zCCtc&index=2